



# PROTEÇÃO À CRIANÇA E SEGURANÇA ALIMENTAR:

UMA ANÁLISE  
DE EVIDÊNCIAS  
DE LIGAÇÕES  
EM CONTEXTO  
HUMANITÁRIOS

Esta análise de evidências faz parte de uma iniciativa global liderada pela Área de Responsabilidade Global de Protecção à Criança, em parceria com a Plan International, com o objectivo de fortalecer a colaboração entre os actores de protecção à criança e segurança alimentar em contextos humanitários. Em colaboração com o Cluster Global de Segurança Alimentar, esta iniciativa visa dotar os trabalhadores humanitários de conhecimentos e ferramentas técnicas reforçadas para integrar a protecção à criança e as respostas à segurança alimentar. Os resultados da análise de evidências informarão o desenvolvimento de ferramentas programáticas e de advocacia, assim como apoio técnico e fortalecimento da capacidade fornecidos directamente aos mecanismos de coordenação dos clusters de protecção à criança e segurança alimentar e seus parceiros. Para obter mais informações sobre a iniciativa, consulte [Integração da Protecção à Criança e Segurança Alimentar na Acção Humanitária](#).

Esta análise de evidências faz parte de um esforço mais amplo do sector de protecção à criança e de outros actores humanitários globais para promover formas eficazes de colaboração entre sectores, incluindo educação, saúde, coordenação e gestão de acampamentos e segurança alimentar. Para obter mais informações sobre esta iniciativa e outras análises de evidências, consulte [Actuação em Todos os Sectores para Protecção à Criança](#).

**Outubro 2022**



Uma mulher nepalesa lava as colheitas em frente a terras prontas para serem cultivadas.

# ÍNDICE

<b>01 INTRODUÇÃO</b>	<b>2</b>
<b>02 EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS RELATIVAMENTE À INSEGURANÇA ALIMENTAR</b>	<b>5</b>
<b>03 RISCOS DE PROTECÇÃO À CRIANÇA LIGADOS À INSEGURANÇA ALIMENTAR</b>	<b>10</b>
Saúde mental e sofrimento psicossocial	12
Separação familiar	14
Negligência	15
Violência física e emocional	16
Trabalho infantil	17
Recrutamento e uso por forças armadas e grupos armados	19
Perigos e lesões	20
Uniões prematuras	21
Violência por parceiro íntimo	22
Exploração sexual	23
Violência sexual	24
Outros problemas	24
<b>04 COMO OS ACTORES DE PROTECÇÃO À CRIANÇA E SEGURANÇA ALIMENTAR ESTÃO A TRABALHAR JUNTOS</b>	<b>25</b>
<b>05 DISCUSSÃO</b>	<b>32</b>
<b>06 RECOMENDAÇÕES</b>	<b>34</b>
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	<b>40</b>

# ACRÓNIMOS

<b>AAP</b>	Prestação de contas às populações afectadas
<b>CFS</b>	Espaço amigo da criança
<b>CHH</b>	Família chefiada por criança
<b>COVID-19</b>	Doença de coronavírus de 2019
<b>PC</b>	Protecção à criança
<b>AoR de PC</b>	Área de Responsabilidade de Protecção à Criança
<b>CVA</b>	Assistência em dinheiro e vouchers
<b>EFSA</b>	Avaliação da segurança alimentar em emergências
<b>FCS</b>	Pontuação de consumo de alimentos
<b>FEWSNET</b>	Rede de Sistemas de Aviso Prévio contra Fome
<b>FIES</b>	Escala de experiência de insegurança alimentar
<b>SA</b>	Segurança Alimentar
<b>VBG</b>	Violência baseada no género
<b>HFIAS</b>	Escala de acesso à insegurança alimentar doméstica
<b>ICCG</b>	Grupo de Coordenação Inter-cluster
<b>PDI</b>	Pessoas deslocadas internamente
<b>IGA</b>	Actividade de geração de rendimento
<b>VPI</b>	Violência por parceiro íntimo
<b>JAM</b>	Missão de avaliação conjunta
<b>SMAPSS</b>	Saúde mental e apoio psicossocial
<b>PDM</b>	Monitoria pós-distribuição
<b>PEAAS</b>	Prevenção da exploração, abuso e assédio sexual
<b>APSS</b>	Apoio psicossocial
<b>ECA</b>	Ensaio clínico aleatório
<b>VSBG</b>	Violência sexual e baseada no género
<b>UASC</b>	Criança desacompanhada e separada
<b>ACNUR</b>	Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados
<b>VAM</b>	Mapeamento de análise de vulnerabilidade
<b>VLSA</b>	Associação de poupança e de empréstimo da aldeia
<b>PMA</b>	Programa Mundial de Alimentação

Uma criança de 8 anos recolhe água no Haiti.  
©PLAN INTERNATIONAL



01

INTRODUÇÃO

## PRINCIPAIS DEFINIÇÕES

**SEGURANÇA ALIMENTAR** » todas as pessoas, em todos os momentos, têm acesso físico, social e económico a alimentos suficientes, seguros e nutritivos que atendem às suas necessidades e preferências alimentares para uma vida activa e saudável.

**PROTECÇÃO À CRIANÇA** » todas as actividades destinadas à prevenção e resposta à violência, abuso, negligência e exploração de crianças.

## VISÃO GERAL DA INSEGURANÇA ALIMENTAR<sup>1</sup>

EM 2021 »

**±2.3 BILHÕES**

DE PESSOAS NO MUNDO ESTAVAM COM INSEGURANÇA ALIMENTAR MODERADA OU GRAVE



AS MULHERES CONTINUAM A ENFRENTAR »

MAIOR INSEGURANÇA ALIMENTAR DO QUE OS HOMENS EM MAIS DE 4% PONTOS PERCENTUAIS

EM TODO O MUNDO »

**31.9%**

DAS MULHERES TINHAM INSEGURANÇA ALIMENTAR MODERADA OU GRAVE



EM 2020, DE CRIANÇAS COM MENOS DE CINCO ANOS DE IDADE »

**±45 MILHÕES** SOFRIAM DE DESNUTRIÇÃO AGUDA

**±149 MILHÕES** DE DESNUTRIÇÃO CRÔNICA

A DESNUTRIÇÃO AGUDA AUMENTA O RISCO DE MORTE DE CRIANÇAS EM ATÉ 12 VEZES

## RESUMO GLOBAL DOS RISCOS DE PROTECÇÃO À CRIANÇA<sup>2</sup>

DURANTE O ANO PASSADO »

**±1 BILHÃO**

DE CRIANÇAS (UMA EM CADA DUAS CRIANÇAS) SOFRERAM VIOLÊNCIA FÍSICA, SEXUAL OU EMOCIONAL OU NEGLIGÊNCIA



**±120 MILHÕES**

DE RAPARIGAS SOFRERAM ALGUMA FORMA DE CONTACTO SEXUAL FORÇADO ANTES DOS 20 ANOS

**1/3 CRIANÇAS**

FOI AFECTADA POR VIOLÊNCIA EMOCIONAL



**1/4 CRIANÇAS**

VIVE COM UMA MÃE QUE SOFREU VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

1. FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. 2022. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2022. Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable*. Rome, FAO.

2. WHO, Global status report on preventing violence against children, Geneva, 2020. UNICEF, Hidden in plain sight: A statistical analysis of violence against children, New York: United Nations Children's Fund; 2014.

**As necessidades básicas não satisfeitas, tais como a alimentação, são reconhecidas como um factor de risco universal com resultados prejudiciais para as crianças.**

As necessidades básicas não satisfeitas, tais como a alimentação, são reconhecidas como um factor de risco universal com resultados prejudiciais para as crianças. Pesquisas realizadas principalmente em países de alto rendimento constataram que a insegurança alimentar está associada à violência contra crianças. Num estudo, a exposição de crianças pequenas à violência doméstica foi seis vezes maior em agregados familiares com insegurança alimentar persistente, em comparação com agregados com segurança alimentar.<sup>3</sup> O impacto da insegurança alimentar nos riscos de protecção à criança é específico ao contexto e influenciado por normas culturais e de género, políticas governamentais, equidade social, disponibilidade e acesso a mecanismos de segurança social e resiliência familiar. Em contextos humanitários, o deslocamento e os conflitos armados também afectam o impacto da insegurança alimentar na protecção à criança.

Existe pouca análise documentada das correlações entre a insegurança alimentar e os riscos de protecção à criança em contextos humanitários.<sup>4</sup> A medida que a insegurança alimentar global continua a aumentar e os programas de segurança alimentar enfrentam lacunas de financiamento, os riscos de protecção à criança em contextos humanitários, tais como uniões prematuras, trabalho infantil, violência física e emocional e violência sexual, serão provavelmente exacerbados. A insegurança alimentar afectará negativamente ainda mais os resultados de nutrição, saúde e educação das crianças que por sua vez também afectam a protecção e o bem-estar das crianças.

Em muitos ambientes humanitários, os programas de segurança alimentar têm alcance amplo e acesso privilegiado a muitas famílias e comunidades. Trabalhando juntos, e entendendo melhor como a insegurança alimentar e os riscos de protecção à criança estão ligados, os actores humanitários serão capazes de

- Tomar decisões estratégicas para prevenir, mitigar e responder aos riscos de protecção à criança;
- Alavancar os programas de segurança alimentar para melhorar a protecção e o bem-estar das crianças; e
- Minimizar o risco de causar danos.

## LIMITAÇÕES

Esta análise de evidências não foi sistemática e não capta todas as evidências existentes. Várias organizações de protecção à criança e segurança alimentar não conseguiram responder à solicitação de documentação, provavelmente devido à falta de documentação ou envolvimento em respostas humanitárias contínuas. Apenas um número limitado de fontes académicas analisou contextos humanitários e frágeis; como resultado, a busca foi posteriormente ampliada para não incluir contextos não humanitários de baixo e médio rendimento, a fim de expandir os achados.

Termos como “fome” são frequentemente idiomáticos e podem ser usados por indivíduos como uma forma de expressar angústia ou pobreza em vez de insegurança alimentar. Nem todas as fontes usadas na análise mediram a insegurança alimentar usando ferramentas quantitativas, tais como pontuação de consumo alimentar (FSC), escala de experiência de insegurança alimentar (FIES) ou escala de acesso à insegurança alimentar doméstica (HFIAS).<sup>7</sup> Como resultado, embora as evidências sejam extraídas de pesquisas primárias com participantes que vivem em locais com insegurança alimentar, algumas das constatações podem sobrepor-se a outros factores de risco de protecção à criança, tais como a pobreza.

Os actores de protecção à criança reconhecem que trabalhar de forma conjunta e integrada com outros sectores é uma estratégia-chave para atender às necessidades holísticas das crianças.<sup>5</sup> Como parte de seu mandato, os actores do sector de segurança alimentar também se comprometeram a promover resultados de protecção para as populações afectadas, incluindo crianças.<sup>6</sup>

## OBJECTIVOS

Esta análise de evidências visa apresentar uma visão geral da relação entre a insegurança alimentar e a protecção à criança e como os actores dos sectores de protecção à criança e de segurança alimentar colaboram em ambientes humanitários. A análise de evidências identificou duas perguntas-chave:

- 1 Como a insegurança alimentar afecta os riscos de protecção à criança?
- 2 Como os actores dos sectores de protecção à criança e de segurança alimentar trabalharam juntos para alcançar os resultados da protecção à criança e quais foram os resultados?

## METODOLOGIA

A análise de evidências foi realizada de Fevereiro a Abril de 2022 e baseou-se na literatura académica e cinzenta. A literatura académica foi identificada através de pesquisa de palavras-chave filtradas por critérios de inclusão e exclusão. As fontes identificadas foram usadas como referência para encontrar fontes adicionais. A literatura cinzenta foi identificada através de pesquisa em sites de organizações voltadas à protecção à criança e segurança alimentar, assim como através de pedidos de documentos enviados por meio de listas de discussão da Área de Responsabilidade de Protecção à Criança (AoR de PC) e do Cluster de Segurança Alimentar. Para complementar as conclusões da revisão documental e informar recomendações, recomendações, foram realizadas 10 entrevistas semiestruturadas com informantes-chave com actores de protecção à criança e segurança alimentar que trabalham a nível global e nacional.

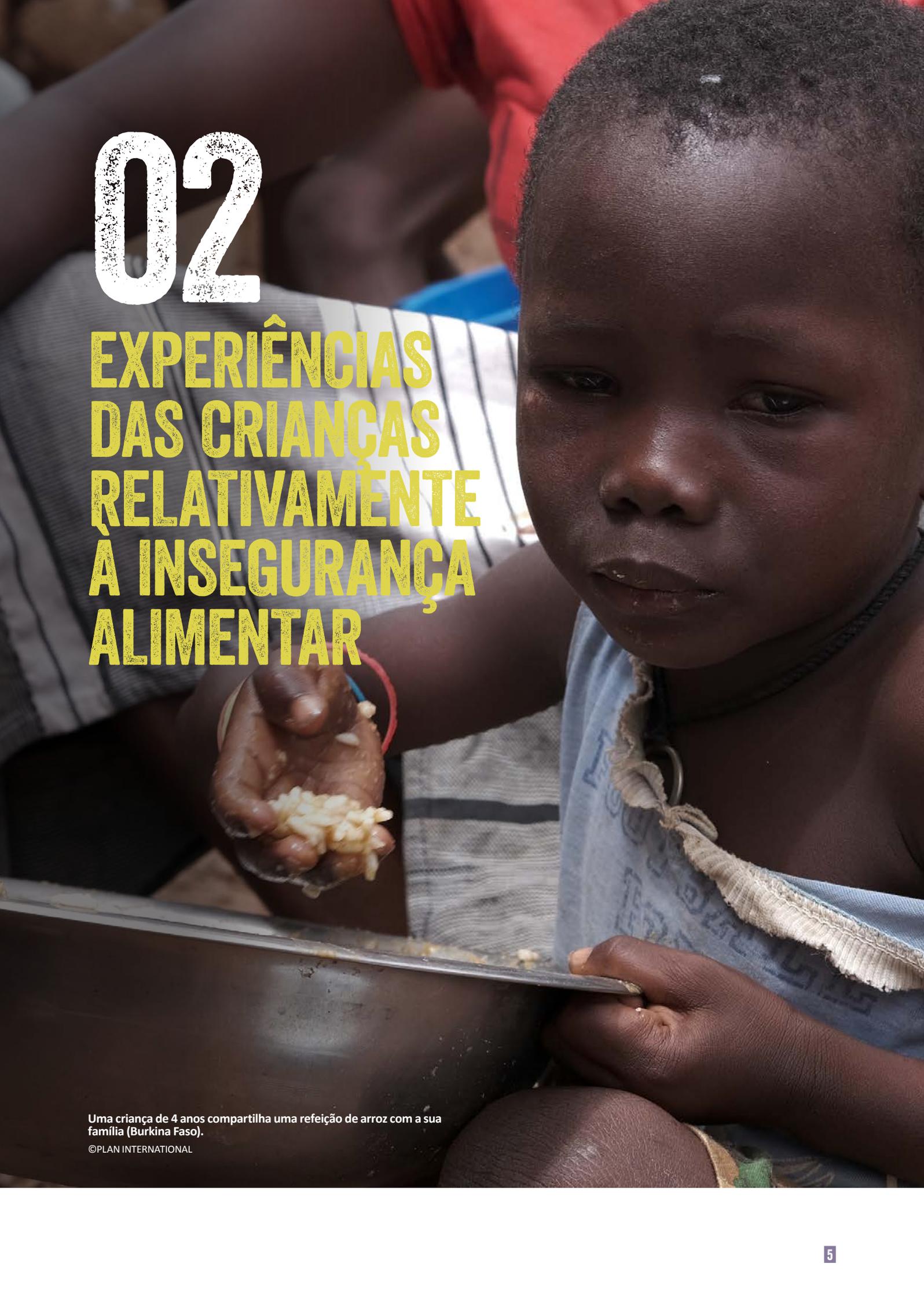
3. Jackson, Dylan B., et al, “Food Insecurity and Violence in the Home: Investigating Exposure to Violence and Victimization Among Preschool-Aged Children,” *Health Education & Behavior*, vol. 45, no. 5, 2018, pp. 756–63.

4. The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, *Understanding Risk and Protective Factors in Humanitarian Crises: Towards a Preventive Approach to Child Protection in Humanitarian Action*.

5. The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, *Minimum Standards for Child Protection in Humanitarian Action*, 2019.

6. WFP, *Protection and Accountability Policy*, 2020.

7. Ndungu, Jane et al, *Afghan Women’s Use of Violence Against Their Children and Associations with IPV, Adverse Childhood Experiences and Poverty; A Cross-Section and Structural Equation Modelling Analysis*, *International journal of environmental research and public health*, 2021-07-27, Vol.18 (15), p.7923.

A close-up photograph of a young child with dark skin and short hair, looking down at a metal bowl. The child is holding a small amount of rice in their right hand. They are wearing a blue and white striped shirt. The background is slightly blurred, showing other people in a similar setting.

# 02

## EXPERIÊNCIAS DAS CRIANÇAS RELATIVAMENTE À INSEGURANÇA ALIMENTAR

Uma criança de 4 anos compartilha uma refeição de arroz com a sua família (Burkina Faso).

©PLAN INTERNATIONAL

As experiências das crianças relativamente à insegurança alimentar são intrinsecamente únicas dos adultos devido à sua idade, sexo, necessidades, vulnerabilidade ao desenvolvimento, acção e estatuto no seio das famílias. A segurança alimentar é sustentada por quatro pilares: disponibilidade, acesso, utilização e estabilidade. As crianças desempenham um papel em – e são afectadas por – todos os quatro pilares da segurança alimentar.

### TABELA 1: CRIANÇAS E OS QUATRO PILARES DA SEGURANÇA ALIMENTAR

01

#### DISPONIBILIDADE

A disponibilidade de alimentos aborda a “oferta” da segurança alimentar e é determinada pelo nível de produção de alimentos, níveis de stock, comércio e assistência alimentar.



As crianças desempenham um papel na produção de alimentos. Globalmente, 60% de todas as crianças trabalhadoras de 5 a 17 anos trabalham na agricultura, incluindo pesca, aquacultura, silvicultura e pecuária. Aproximadamente 59% de todas as crianças de 5 a 17 anos em trabalhos perigosos estão na agricultura.<sup>8</sup>

Em grande parte do mundo, as mulheres e as raparigas são as principais agricultoras e produtoras de alimentos. As mulheres e as raparigas geralmente têm menos acesso à propriedade da terra, actividades de produção, tecnologias e serviços financeiros.

02

#### ACESSO

O acesso aos alimentos remete para a capacidade económica e física de obter alimentos seguros e nutritivos. O fornecimento adequado de alimentos a nível nacional ou internacional não garante a segurança alimentar a nível familiar.



As crianças podem ser responsáveis pela compra de alimentos nos mercados para as suas famílias e podem ter conhecimento dos preços dos alimentos. As crianças também podem ser responsáveis por buscar assistência alimentar em nome de suas famílias, tais como programas de distribuição em espécie e de alimentação escolar.

As famílias chefiadas por crianças, crianças desacompanhadas e separadas e outros grupos de crianças podem enfrentar barreiras no acesso a alimentos e assistência alimentar devido à negligência, práticas de registo e discriminação.

8. ILO, Child labour in agriculture, <https://www.ilo.org/ipec/areas/Agriculture/lang--en/index.htm>

03

## UTILIZAÇÃO

A utilização dos alimentos refere-se ao metabolismo dos alimentos quando chegam aos indivíduos, ou seja, como o nosso corpo utiliza a ingestão de energia dos alimentos. A utilização pode ser afectada pela preparação, processamento e cozedura de alimentos, incluindo saneamento, água potável e cuidados de saúde. As práticas de alimentação e a alocação intradomiciliar de alimentos também são factores de utilização de alimentos.



As crianças mais novas e as crianças com deficiência podem depender de encarregados de educação ou irmãos mais velhos para a preparação de alimentos. As crianças, incluindo raparigas, raparigas em uniões prematuras e crianças desacompanhadas e separadas, podem ter pouco a dizer sobre como os recursos são distribuídos dentro da família.

As raparigas e os adolescentes são frequentemente responsáveis pela preparação, processamento e cozedura dos alimentos. Isto inclui buscar água e lenha.

As raparigas, principalmente as casadas, podem comer por último, comer por último, apenas depois de o resto da família ter comido. Em alguns contextos, as raparigas enfrentam discriminação e são amamentadas por períodos mais curtos e recebem menos e pior comida do que os rapazes.<sup>9</sup>

04

## ESTABILIDADE

Refere-se à estabilidade da “disponibilidade”, “acesso” e “utilização” ao longo do tempo. Em outras palavras, estes devem ser constantes ao longo do tempo e não mudar devido a eventos cíclicos ou choques repentinos, tais como crises económicas ou climáticas.



Em tempos de instabilidade, as crianças adoptam mecanismos de sobrevivência, tais como reduzir refeições, mudar dietas, comer com os vizinhos ou dar comida às crianças mais novas. As crianças podem assumir responsabilidades crescentes, incluindo a produção e preparação de alimentos, a fim de apoiar a segurança alimentar da sua família.

A instabilidade pode forçar mecanismos extremos de sobrevivência, tais como trabalho infantil, uniões prematuras, exploração sexual e recrutamento e uso por forças armadas e grupos armados.

9. Hathi, Payal et al, “When women eat last: Discrimination at home and women’s mental health.” PloS one vol. 16,3 e0247065. 2 Mar. 2021.



Uma criança de 10 anos e o seu irmão de 12 anos apanham feijão verde da sua horta (Filipinas).

©PLAN INTERNATIONAL

A documentação existente revela que tanto as crianças mais novas quanto os adolescentes encaram a segurança alimentar, em particular a diversidade alimentar, como essencial para o seu bem-estar e parte de uma “boa vida” e de fazer bem.

- Num estudo qualitativo sobre insegurança alimentar e áreas afectadas pela seca na Etiópia, algumas crianças descreveram outras crianças que viviam bem pelos tipos de alimentos que comiam, a sua diversidade alimentar, se tinham uma dieta equilibrada e o seu estado nutricional.
- Um estudo de método misto na Índia, com crianças principalmente de áreas rurais entre 5 e 19 anos, também constatou que a concepção das crianças de uma boa vida era ter comida suficiente e uma dieta diversificada.<sup>10</sup>
- No Malawi, os adolescentes apontaram que ter uma dieta consistente e diversificada era uma das suas principais aspirações, juntamente com a educação.<sup>11</sup>

As crianças adoptam uma série de mecanismos de sobrevivência diante da insegurança alimentar, tais como comer porções menores, saltar refeições e comer alimentos de menor qualidade. As crianças mais novas podem ser protegidas por irmãos mais velhos e encarregados de educação dos efeitos da insegurança alimentar doméstica, enquanto os adolescentes mais velhos podem estar mais expostos ao risco de passar fome.

- Na Venezuela, as crianças apontaram estratégias tais como comer menos, pedir ajuda a parentes ou conhecidos ou, em alguns casos, procurar comida no lixo.<sup>12</sup>

- Na Síria, os encarregados de educação adultos apontaram saltar refeições para dar prioridade às necessidades dos seus filhos.<sup>13</sup>
- As crianças mais velhas na Venezuela apontaram proteger os irmãos mais novos da escassez de alimentos, sacrificando o seu próprio consumo de alimentos.

**“ EU COMO MENOS. QUANDO COMO COM A MINHA IRMÃ E NÃO TEM MUITA COMIDA, EU DOU MAIS. EU SIRVO UM POUCO MAIS [DE COMIDA] PARA ELA DO QUE PARA MIM. ”**

**RAPARIGA DE 15 ANOS, VENEZUELA<sup>14</sup>**

- As raparigas adolescentes na Nigéria apontaram lidar com a falta de comida permitindo que as crianças mais novas comam primeiro, sendo que os adolescentes mais velhos e adultos comem o que resta.

**“ OS MAIS NOVOS COMEM, OS MAIS VELHOS BEBEM ÁGUA E VÃO PARA A CAMA. ”**

**RAPARIGA ADOLESCENTE DE 18 ANOS, NIGÉRIA<sup>15</sup>**

10. Aurino, Elisabeth et al, “Food prices were high, and the dal became watery”. Mixed-method evidence on household food insecurity and children’s diets in India, World Development, Volume 111, 2018, Pages 211-224.

11. Save the Children, CARE, USAID. Titukulane Youth Needs Assessment: Finding sources of connection, learning, and earning, May 2021.

12. Bernal, Jennifer et al, Children Live, Feel, and Respond to Experiences of Food Insecurity That Compromise Their Development and Weight Status in Peri-Urban Venezuela, The Journal of Nutrition, Volume 142, Issue 7, July 2012, Pages 1343–1349.

13. Nabulsi, Dana et al. “Voices of the Vulnerable: Exploring the Livelihood Strategies, Coping Mechanisms and Their Impact on Food Insecurity, Health and Access to Health Care Among Syrian Refugees in the Beqaa Region of Lebanon.” PloS one 15.12 (2020).

14. Bernal, Jennifer, et al, Children Live, Feel, and Respond to Experiences of Food Insecurity That Compromise Their Development and Weight Status in Peri-Urban Venezuela, The Journal of Nutrition.

15. Plan International. Adolescent Girls in Crisis: Voices from the Lake Chad Basin, 2018.

As crianças vulneráveis, tais como crianças desacompanhadas e separadas, podem não receber a mesma protecção que outras crianças que vivem na mesma casa.

- Um estudo no Zimbabwe constatou que era menos provável que crianças falassem de insegurança alimentar em comparação com os adultos que vivem na mesma casa, com uma tendência de crianças mais novas estarem mais protegidas da insegurança alimentar. Contudo, as crianças classificadas como órfãs não apontaram maior segurança alimentar; em outras palavras, parecia que os órfãos não tinham a mesma protecção contra a insegurança alimentar que as outras crianças.<sup>16</sup>

As crianças e os adolescentes que vivem nas áreas de insegurança alimentar estão cientes de como a insegurança alimentar afectará as suas escolhas e oportunidades. Os adolescentes mais velhos podem sofrer pressão para sustentar a família ou satisfazer as suas próprias necessidades, reduzindo o seu acesso à educação e aumentando o risco de práticas tais como trabalho infantil, uniões prematuras ou exploração sexual (consulte Parte 3).

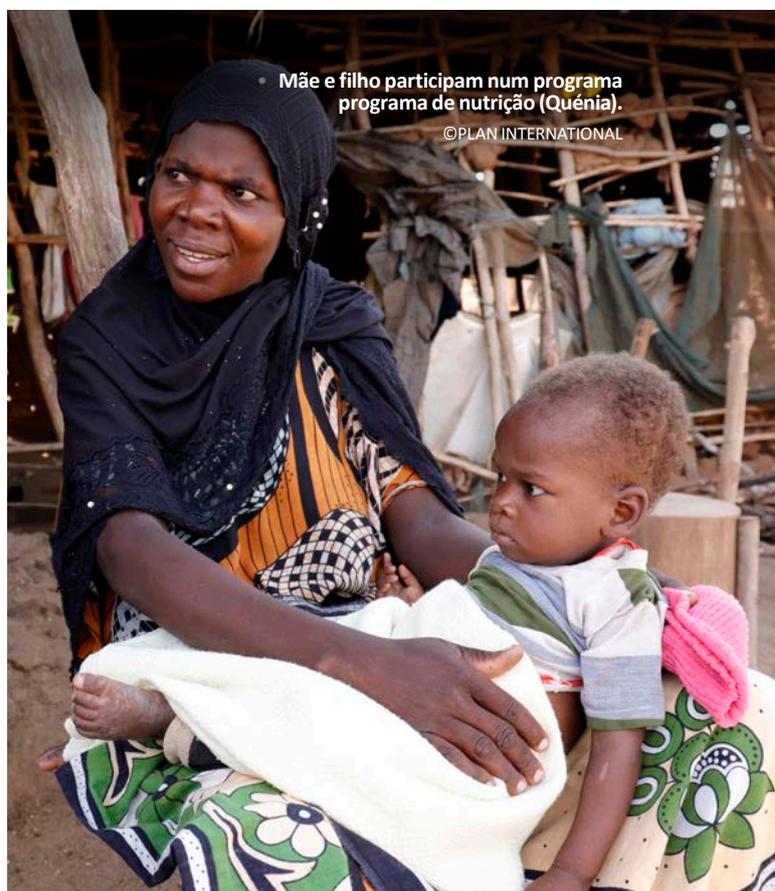
- As crianças de regiões propensas à seca do Quênia foram capazes de conceptualizar como as secas afectariam o seu bem-estar a curto e longo prazo, como as suas escolhas de vida poderiam ser consequentemente restringidas e como isso afectaria a segurança e a protecção tanto das raparigas como dos rapazes. As crianças conseguiram descrever como a indisponibilidade de alimentos levaria à sua dependência de programas de assistência e alimentação escolar, quais estratégias os rapazes e as raparigas poderiam usar para tentar encontrar alimentos ou rendimento adicional, assim como os riscos de protecção de género associados a essas estratégias.<sup>17</sup>

Apesar destes desafios, as crianças que contribuem para a segurança alimentar da sua família também denotam um sentido de acção. A participação dos adolescentes mais velhos na sua própria segurança alimentar e na da sua família também levou a uma maior autoconfiança, autoestima e capacidade de trabalho.<sup>18</sup>

- Na Bacia do Lago Chade, as raparigas e os rapazes adolescentes apontaram orgulho e um sentimento de realização nos seus meios de subsistência de pequena escala e contribuições para a segurança alimentar das suas famílias. Os adolescentes também demonstraram aptidão e desejo intenso de serem apoiados em actividades empreendedoras.<sup>19</sup>

Esta análise de evidências constatou que as experiências de insegurança alimentar das crianças em contextos humanitários raramente são captadas por avaliações de segurança alimentar ou protecção à criança.

- A maior parte da recolha de dados relacionados com a insegurança alimentar da criança está centrada em medidas antropométricas de desnutrição em crianças menores de 5 anos. As crianças e adolescentes em idade escolar têm sido rotulados como a “população esquecida” na literatura sobre segurança alimentar.<sup>20</sup>
- Geralmente, os sistemas e as ferramentas de monitoria, como os que recolhem dados quantitativos sobre estratégias de sobrevivência, apenas investigam sobre o trabalho infantil e não são capazes de identificar outros riscos de protecção à criança. Estas ferramentas são direccionadas aos chefes de família e não envolvem as próprias crianças ou adolescentes.<sup>21</sup>
- De um modo geral, as avaliações de protecção à criança apenas perguntam se a “falta de comida” é uma fonte de stress para as crianças e os encarregados de educação.<sup>22</sup>
- Dados consistentes desagregados por sexo e idade em crises alimentares continuam a ser uma lacuna.<sup>23</sup>



Mãe e filho participam num programa de nutrição (Quênia).

©PLAN INTERNATIONAL

16. Kuku, Oluyemisi, et al. Differences in food insecurity between adults and children in Zimbabwe, *Food Policy*, Volume 36, Issue 2, 2011, Pages 311-317.

17. Polack E. Child rights and climate change adaptation: voices from Cambodia and Kenya. In: *Children in a Changing Climate*; 2010.

18. ILO, Child labour in agriculture, <https://www.ilo.org/ipec/areas/Agriculture/lang-en/index.htm>

19. Plan International. *Adolescent Girls in Crisis: Voices from the Lake Chad Basin*. 2018.

20. Aurino et al, “Food prices were high, and the dal became watery”. Mixed-method evidence on household food insecurity and children’s diets in India, *World Development*.

21. The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action. *Monitoring Child Protection Within Humanitarian Cash Programmes*. 2019

22. Global Protection Cluster, Child Protection Working Group, *Child Protection Rapid Assessment Toolkit*, 2012.

23. Spears found a Lack of widespread or consistent collection of sex and age disaggregated data in four recent threatened famines (South Sudan, 2013 to present), Yemen (2015 to present), Somalia (2010-2011, 2017), and Nigeria (2009 to present). Spears et al, “Gender, Famine, and Mortality,” *World Peace Foundation and Feinstein International Center, Occasional Paper #36*, December 2021.

Rapariga a participar no projecto JANO  
no distrito de Rangpur (Bangladesh).

©PLAN INTERNATIONAL

03

RISCOS DE  
PROTECÇÃO À  
CRIANÇA LIGADOS  
À INSEGURANÇA  
ALIMENTAR

A protecção à criança é afectada pela insegurança alimentar de várias maneiras:

### A INSEGURANÇA ALIMENTAR ESTÁ LIGADA A PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL E SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL DAS CRIANÇAS E ENCARGADOS DE EDUCAÇÃO.

O aumento do stress, ansiedade e agressividade desencadeiam várias formas de riscos de protecção à criança, incluindo negligência, violência física e emocional, violência entre pares e exposição à violência do parceiro íntimo.



### QUANDO AS CRIANÇAS E AS FAMÍLIAS NÃO TÊM COMIDA SUFICIENTE PARA COMER OU DINHEIRO SUFICIENTE PARA COMPRAR COMIDA, PODEM RECORRER A MECANISMOS DE SOBREVIVÊNCIA EXTREMOS PARA ADQUIRIR ALIMENTOS.

Os mecanismos de sobrevivência incluem separação familiar, trabalho infantil, uniões prematuras, recrutamento e uso por forças armadas e grupos armados, e exploração sexual.



### QUANDO AS CRIANÇAS E AS FAMÍLIAS ESTÃO A PRODUZIR, PROCURAR OU PREPARAR ALIMENTOS PARA ATENDER ÀS SUAS NECESSIDADES ALIMENTARES, AS CRIANÇAS TAMBÉM PODEM ESTAR EXPOSTAS A RISCOS DE PROTECÇÃO À CRIANÇA.

Os riscos de protecção à criança incluem negligência, trabalho infantil, violência sexual, exploração sexual, perigos e lesões, recrutamento e uso por grupos armados forçados e armados.



### AS INTERVENÇÕES USADAS PARA LIDAR COM A INSEGURANÇA ALIMENTAR PODEM EXPOR AS CRIANÇAS A RISCOS DE PROTECÇÃO.

Exemplos destes riscos de protecção são perigos e lesões, sofrimento psicossocial, exploração sexual, assim como discriminação.



## SAÚDE MENTAL E SOFRIMENTO PSICOSSOCIAL

Os maus resultados na saúde mental e o sofrimento psicossocial referem-se ao sofrimento psicológico e social imediato e a longo prazo das crianças e dos seus encarregados de educação. As evidências mostram que a insegurança alimentar pode levar as crianças a sentir stress, ansiedade, tristeza e vergonha, enquanto os encarregados de educação podem sentir stress, ansiedade e depressão.

Há um crescente corpo de evidências que mostra que a insegurança alimentar afecta a saúde mental e o bem-estar psicossocial em todo o mundo. A insegurança alimentar pode levar a problemas de saúde mental de várias maneiras: a insuficiência de alimentação pode afectar o funcionamento cognitivo; o impacto social da insegurança alimentar, tal como não poder desfrutar de rituais sociais, partilhar conhecimentos sobre alimentos, ou adquirir alimentos de formas socialmente inaceitáveis, pode causar sentimentos de impotência e vergonha. Outros estudos apontam para a evidência de que a privação de necessidades básicas como a alimentação é intrinsecamente prejudicial.<sup>24</sup>

- Uma análise global de dados representativos de insegurança alimentar e saúde mental constatou que a insegurança alimentar estava associada a índices de saúde mental mais baixos para mulheres e homens em todas as regiões do mundo. À medida que o grau de insegurança alimentar piorou, também pioraram as condições de saúde mental, tais como tristeza, preocupação, stress e raiva.<sup>25</sup>
- Na Etiópia urbana e no Brasil rural, a insegurança alimentar foi associada a probabilidades três vezes maiores de sintomas elevados de depressão e ansiedade.<sup>26</sup>

### A pandemia de COVID-19 piorou a segurança alimentar e os resultados de saúde mental em muitos contextos.

Para os jovens com insegurança alimentar, a saúde mental e os efeitos psicossociais da COVID-19 podem ser particularmente prejudiciais.

- Um estudo com jovens de 19 a 26 anos no Peru, Vietname e Índia constatou que as taxas de ansiedade e depressão dos jovens durante a pandemia melhoraram significativamente à medida que as taxas de infecção por COVID-19 reduziram nas suas comunidades; contudo, os jovens com insegurança alimentar não viram nenhuma melhoria similar na sua saúde mental. À medida que as taxas de infecção por COVID-19 caíram no final de 2020, 46% dos jovens em insegurança alimentar no Peru continuavam a manifestar sintomas de ansiedade e depressão; no Vietname, as taxas de ansiedade e depressão entre os jovens em insegurança alimentar eram quatro vezes superiores à média.<sup>27</sup>



Uma criança de 13 anos olha para as montanhas que podem ser vistas do acampamento para pessoas em situação de deslocamento humano na Etiópia.

©PLAN INTERNATIONAL

A presente análise não identificou estudos quantitativos sobre o impacto da insegurança alimentar na saúde mental e bem-estar psicossocial das crianças em contextos humanitários. Estudos qualitativos mostram que a **falta de acesso aos alimentos é uma fonte de sofrimento psicossocial para as crianças**, causando sentimentos de stress, ansiedade, tristeza e vergonha.

- Uma avaliação rápida entre agências após o tufão Bopha nas Filipinas constatou que as raparigas e os rapazes apontaram com mais frequência que as suas causas de stress eram a falta de acesso à comida e abrigo. As crianças também se preocupavam com a perda dos meios de subsistência e das fontes de rendimento de suas famílias devido a terras agrícolas danificadas. A falta de acesso à comida também foi a principal fonte de stress para os encarregados de educação na comunidade (29%), seguida pela falta de meios de subsistência (26%) e falta de abrigo (21%).<sup>28</sup>
- As crianças de 10 a 17 anos nas zonas periurbanas da Venezuela apontaram que as crianças com insegurança alimentar sentem angústia, tristeza e vergonha, com reações que incluem choro; outras crianças apontaram que as crianças com insegurança alimentar conformam-se com a sua situação. As raparigas de 13 a 17 anos tinham maior probabilidade de indicarem sentir vergonha sempre que quisessem comer mais, mas não podiam ou tinham de comer a mesma comida todos os dias.<sup>30</sup>

**“ SOFRI MUITO NOS PRIMEIROS DIAS. EU TRANQUILIZEI-ME DIZENDO A MIM MESMA QUE CHEGAMOS A UM NOVO PAÍS. OS MEUS PAIS NÃO TÊM NENHUM TRABALHO. ENTÃO, NÃO TEMOS COMIDA. MAS OS MEUS IRMÃOS MAIS NOVOS NÃO ENTENDEM E CHORAM MUITO. ”**

**ADOLESCENTE DE 13 ANOS, NO CAMPO DE REFUGIADOS DE ROHINGYA, BANGLADESH<sup>31</sup>**

24. Weaver et al, Unpacking the “black box” of global food insecurity and mental health, *Social Science & Medicine*, Volume 282, 2021.

25. Jones, Andrew D, Food Insecurity and Mental Health Status: A Global Analysis of 149 Countries, *American Journal of Preventive Medicine*, Volume 53, Issue 2, 2017, Pages 264-273.

26. Weaver et al, Unpacking the “black box” of global food insecurity and mental health, *Social Science & Medicine*, Volume 282, 2021.

27. Porter, Catherine et al. “The Evolution of Young People’s Mental Health During COVID-19 and the Role of Food Insecurity: Evidence from a Four Low-and-Middle-Income-Country Cohort Study.” *Public health in practice* (Oxford, England) 3 (2022).

28. UNICEF, Protection Risks for Children As A Result of Typhoon Bopha (Pablo): Inter-Agency Child Protection Rapid Assessment Report, Child Protection Sub-cluster, March 2013.

29. Bernal et al, Children Live, Feel, and Respond to Experiences of Food Insecurity That Compromise Their Development and Weight Status in Peri-Urban Venezuela, *The Journal of Nutrition*.

30. Bernal et al. “Food Insecurity of Children Increases Shame of Others Knowing They Are Without Food.” *The FASEB journal* 29.S1 (2015).

31. Plan International. Adolescent Girls in Crisis: Voices Rohingya, June 2018.

**As próprias intervenções de segurança alimentar podem causar sofrimento psicossocial.**

- Após o tufão Bopha nas Filipinas, mesmo na altura em que a assistência alimentar estava a ser fornecida por vários actores, as raparigas e os rapazes continuaram a descrever a distribuição de alimentos e atrasos ou limitações na assistência alimentar como tendo sido uma fonte importante de stress.<sup>32</sup>

**A insegurança alimentar também está ligada a problemas de saúde mental e bem-estar psicossocial dos encarregados de educação,** incluindo sintomas de stress, ansiedade e depressão. Um estudo nos Estados Unidos constatou que a depressão materna aumentava as probabilidades de uma mãe sofrer segurança alimentar em 50 a 80%. Os encarregados de educação sabem que os seus filhos ficam sem comida e expressam tristeza por isso, assim como preocupações sobre como isso afectará a capacidade de concentração das crianças na escola.<sup>34</sup>

- Nas Filipinas, um estudo constatou que as famílias que sofreram vários desastres tinham maior probabilidade de indicar níveis mais altos de stress parental, sintomas de depressão e insegurança alimentar.<sup>35</sup>
- Após o terramoto de 2010 no Haiti, as crianças que tiveram insuficiência de alimentação também tinham maior probabilidade de viver em agregados familiares com um adulto que manifestou um nível mais alto de stress pós-traumático, em comparação com as crianças que não apresentavam insuficiência alimentar.<sup>36</sup>

O stress da insegurança alimentar também pode resultar em **degradação nas relações entre o encarregado de educação e a criança.**

- No Uganda, as reduções nas porções de alimentos para refugiados foram percebidas como uma fonte significativa de stress e irritabilidade doméstica, o que levou a relações tensas entre encarregados de educação e adolescentes. Isto causou aumento de lutas dentro de casa.<sup>37</sup>
- Na Bacia do Lago Chade, os pais e encarregados de educação descreveram como a falta de oportunidades económicas causava stress e degradava a coesão e as relações familiares, fazendo com que as crianças, incluindo as raparigas adolescentes, fossem maltratadas ou abusadas.<sup>38</sup>

32. UNICEF, Inter-Agency Child Protection Rapid Assessment Report, Child Protection Sub-cluster, March 2013

33. Laurenzi et al, "Food Insecurity, Maternal Mental Health, and Domestic Violence: A Call for a Syndemic Approach to Research and Interventions." *Maternal and child health journal* 24.4 (2020): 401-404.

34. Meyer et al, Protection and well-being of adolescent refugees in the context of a humanitarian crisis: Perceptions from South Sudanese refugees in Uganda, *Social Science & Medicine*, Volume 221, 2019, Pages 79-86.

35. Edwards et al, The influence of natural disasters on violence, mental health, food insecurity, and stunting in the Philippines: Findings from a nationally representative cohort, *SSM - Population Health*, Volume 15, 2021.

36. Food insufficiency as measured by the USDA Household Standard Food-Insecurity/Hunger Survey. Hutson et al. "Features of Child Food Insecurity after the 2010 Haiti Earthquake: Results from Longitudinal Random Survey of Households." *PLoS one* 9.9 (2014).

37. Meyer et al, Protection and well-being of adolescent refugees in the context of a humanitarian crisis: Perceptions from South Sudanese refugees in Uganda, *Social Science & Medicine*, Volume 221, 2019, Pages 79-86.

38. Plan International. *Adolescents Girls in Crisis: Voices from the Lake Chad Basin.*



Uma criança de 11 anos lava pratos na sua casa no centro de reassentamento (Moçambique).

© PLAN INTERNATIONAL



## SEPARAÇÃO FAMILIAR

**A separação familiar refere-se a crianças que são separadas de ambos os pais ou de seu encarregado de educação legal ou habitual anterior. As crianças separadas ainda podem estar com outros membros adultos da família. As crianças desacompanhadas são aquelas que estão separadas e não são cuidadas por nenhum adulto responsável por si. A insegurança alimentar pode levar à separação familiar, pois os encarregados de educação ou as próprias crianças procuram oportunidades de alimentação e meios de subsistência.**

Quando a insegurança alimentar leva à separação familiar, as crianças enfrentam maiores riscos de negligência, violência sexual e violência física e emocional.

- Na seca de 2017 no Quênia, houve relatos de que os pais se ausentavam frequentemente durante meses de uma só vez e só ocasionalmente enviavam remessas para casa. As mães eram obrigadas a sair de casa também em busca de trabalho ou a assumir uma elevada carga de trabalho, deixando as crianças sem cuidados e supervisão adequados ou ao cuidado de outros adultos. As mães referiram saber que as crianças deixadas ao cuidado de familiares ou vizinhos corriam o risco de serem espancadas ou forçadas a trabalhar, mas achavam que esta era a melhor opção do que deixar os seus filhos sozinhos.<sup>39</sup>

- Nas zonas de insegurança alimentar do Zimbábue, os encarregados de educação migraram para a África do Sul em busca de oportunidades de subsistência. Os adolescentes apontaram serem privados de supervisão e orientação, assim como riscos de violência e exploração sexual contra famílias chefiadas por crianças.<sup>40</sup>

Em alguns casos, as próprias crianças podem deixar as suas famílias e viajar desacompanhadas, colocando-se em risco de tráfico de crianças, violência sexual e baseada no género, perigos e ferimentos e até mesmo a morte.

- Nos países centro-americanos de El Salvador, Guatemala e Honduras, a redução da produtividade agrícola e a perda de colheitas foram a segunda causa mais citada da emigração, sendo o desemprego a causa número 1. As crianças desacompanhadas que viajavam para os EUA corriam risco de tráfico infantil, exploração sexual e trabalho forçado.<sup>41</sup>
- Durante a fome norte-coreana de 1994-1998, milhares de migrantes norte-coreanas solteiras foram mandadas embora pelas famílias para minimizar o fardo e saíram em busca de comida, abrigo e emprego noutras partes do país ou ao longo da fronteira com a China; acredita-se que mais de 80% das migrantes norte-coreanas foram traficadas, vendidas como escravas sexuais ou forçadas a casamentos.<sup>42</sup>

39. Plan International. Investing in Child Protection and GBV in Food Crisis: The Link between Food Security and Child Protection and GBV.

40. Plan International, Women's Refugee Commission, The Cynefin Co., Our Voices, Our Future: Understanding child marriage in food-insecure communities in Chiredzi District, Zimbabwe, June 2022.

41. WFP, Inter-American Development Bank, IFAD, IOM, and Organization of American States, Food Security and Emigration: Why people flee and the impact on family members left behind in El Salvador, Guatemala, and Honduras.

42. Spears et al, "Gender, Famine, and Mortality," World Peace Foundation and Feinstein International Center, Occasional Paper #36, December 2021.

## NEGLIGÊNCIA

A negligência refere-se à falta intencional ou não intencional de uma pessoa, comunidade ou instituição de cumprimento da sua responsabilidade pelo bem-estar da criança, incluindo protegê-la de danos reais ou potenciais. A falta de necessidades básicas e supervisão apropriada pode aumentar o risco de uma criança sofrer de sofrimento psicossocial, perigo e lesões, uniões prematuras, trabalho infantil, exploração sexual, violência sexual e recrutamento e uso por forças e grupos armados. A insegurança alimentar tem sido associada ao aumento do risco de negligência das crianças pelos encarregados de educação.

A ligação entre insegurança alimentar e negligência pode ser explicada pelo facto de os encarregados de educação passarem cada vez mais tempo longe de casa em busca de alimentos ou oportunidades de subsistência. Também poderia ser explicada pelo aumento da exaustão e fadiga dos encarregados de educação como resultado directo da ingestão insuficiente de alimentos ou devido aos desfechos de saúde mental associados à insegurança alimentar, tais como depressão e ansiedade.

- No campo de refugiados de Ban Mai Nai Soi, na Tailândia, as causas de stress mais discutidas entre os encarregados de educação foram insuficiência de alimentação e rendimento. Os informantes-chave apontaram que as crianças eram deixadas sozinhas quando os pais saíam para trabalhar ou procurar comida.<sup>43</sup>
- Na Somália afectada pela seca, 68% das crianças apontaram que os pais estavam menos preocupados com o seu paradeiro ou segurança, e 55% mencionaram que os pais tinham menos probabilidade de mandar os seus filhos à escola.<sup>44</sup> Na Papua Nova Guiné, a grave escassez de alimentos em 2016 levou ao abandono de crianças.<sup>45</sup>
- Em contextos humanitários, as raparigas, as crianças desacompanhadas e separadas, as crianças que vivem com deficiência e as crianças que vivem com padrastos ou famílias alargadas podem estar em risco particular de negligência. As crianças com deficiências ou problemas complexos de saúde física ou mental têm três vezes mais probabilidades de serem negligenciadas do que outras.<sup>46</sup>

Diferentes formas de **intervenções de segurança alimentar podem levar à negligência infantil ou à redução da supervisão das crianças.**

- Os encarregados de educação adultos que estão a participar em programas de obras públicas, de dinheiro por trabalho ou formações como parte das condições do programa, podem ter problemas para encontrar creches de qualidade, levando a uma supervisão reduzida dos seus filhos ou a deixar as crianças sem vigilância.<sup>47</sup>



Uma criança de 7 anos olha da tenda da sua família em Burkina Faso.

© PLAN INTERNATIONAL

43. Meyer et al, The nature and impact of chronic stressors on refugee children in Ban Mai Nai Soi camp, Thailand, *Global Public Health*, 8:9, 1027-1047, 2013.

44. Save the Children, April 2017, "Child protection needs assessment Somalia".

45. Child Partnership Program Papua New Guinea, Food Security Assessment Report (Kandep-Panduaga), 6 April 2016

46. The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, Child Neglect in Humanitarian Settings: Literature review and recommendations for strengthening prevention and response, 2018.

47. Save the Children, Child Safeguarding for Cash and Voucher Assistance Guidance, 2019.

## VIOLÊNCIA FÍSICA E EMOCIONAL

A violência física e emocional refere-se a formas intencionais de dano, tais como bater, espancar, torturar, ameaçar, ridicularizar ou intimidar crianças. As evidências mostram que a insegurança alimentar aumenta a violência física e emocional contra crianças nas famílias, escolas e comunidades, assim como entre as crianças como forma de violência entre pares.

A insegurança alimentar também tem sido associada à experiência de **violência física e emocional das crianças em casa**.

- No Burkina Faso, as entrevistas com mães constataram que, durante os períodos de fome, as crianças pequenas apresentavam sinais crescentes de angústia, tais como choro, e as mães apontaram aumento da ansiedade e raiva em casa, incluindo raiva dirigida às crianças.<sup>48</sup> Outro estudo do Burkina Faso de crianças rurais extremamente pobres constatou que a insegurança alimentar, a violência de membros da família e a exposição a trabalho perigoso foram apontados pelas mães e pelos adolescentes como as experiências adversas mais prevalentes e que ocorrem simultaneamente.<sup>49</sup>
- Estudos também encontraram uma ligação entre desastres naturais – que afectam a segurança alimentar – e maus-tratos físicos e emocionais. Nas Filipinas, um estudo quantitativo mostrou que as crianças que sofreram vários desastres naturais enfrentaram um risco maior de serem feridas por um adulto ou pai e testemunharem violência.<sup>50</sup>
- Uma avaliação de necessidades na Somália constatou que 41% das crianças apontaram um aumento de abuso físico de crianças pelos pais após uma seca.<sup>51</sup>

A segurança alimentar não é o único factor de violência física e emocional contra crianças.

- Num estudo quantitativo no Afeganistão, o uso de violência física pelas mães como forma de disciplina foi associado à insegurança alimentar doméstica. O estudo constatou que a insegurança alimentar, os resultados de saúde mental, as atitudes desiguais de género e as experiências das mães de violência por parceiro íntimo pareciam influenciar o uso da violência física contra crianças.<sup>52</sup>

A insegurança alimentar também tem sido associada ao **bullying e à violência entre colegas em ambientes escolares**. As crianças podem sofrer bullying devido ao seu baixo estatuto socioeconómico, que está fortemente associado à insegurança alimentar e à pobreza; por sua vez, as crianças em situação de insegurança alimentar também podem perpetrar a violência como forma de buscar a dominação social e a aceitação dos pares.



Um professor com a sua turma de ciências da escola primária (Sul do Sudão).

©PLAN INTERNATIONAL

- Num estudo quantitativo de crianças em idade escolar no Afeganistão, os rapazes e as raparigas que apontaram ter sofrido e perpetrado violência física ou emocional contra os seus pares tiveram uma pontuação significativamente mais alta numa escala de fome, em comparação com os que não manifestaram violência.<sup>53</sup>
- Um estudo de crianças em idade escolar no Paquistão constatou uma forte associação entre perpetração de violência entre colegas e pontuação mais alta numa medida de fome.<sup>54</sup>

A ligação entre insegurança alimentar e violência entre pares também pode ser explicada pelo impacto da insegurança alimentar na saúde mental e na competição por recursos limitados. À medida que a insegurança alimentar aumenta a angústia e a agressão, é mais provável que haja discussões e lutas entre pares.

48. Nanama et al, Altered social cohesion and adverse psychological experiences with chronic food insecurity in the non-market economy and complex households of Burkina Faso, *Social Science & Medicine*, Volume 74, Issue 3, 2012, Pages 444-451.

49. Ismayilova, Leyla et al. "Maltreatment and Mental Health Outcomes Among Ultra-Poor Children in Burkina Faso: A Latent Class Analysis." *PloS one* 11.10 (2016).

50. Edwards et al, The influence of natural disasters on violence, mental health, food insecurity, and stunting in the Philippines: Findings from a nationally representative cohort, *SSM - Population Health*, Volume 15, 2021.

51. Save the Children, April 2017, "Child protection needs assessment Somalia".

52. Ndungu et al, Afghan Women's Use of Violence Against Their Children and Associations with IPV, Adverse Childhood Experiences and Poverty; A Cross-Section and Structural Equation Modelling Analysis," *International journal of environmental research and public health*, 2021-07-27, Vol.18 (15), p.7923.

53. Corboz, Julienne et al. "Children's Peer Violence Perpetration and Victimization: Prevalence and Associated Factors Among School Children in Afghanistan." *PloS one* 13.2 (2018).

54. Karmaliani et al, Peer Violence perpetration and victimization: Prevalence, associated factors and pathways among 1752 sixth grade boys and girls in schools in Pakistan. *PLOS ONE*. 2017; 12(8).

- Numa avaliação da Somália afectada pela seca, 53% dos entrevistados perceberam que as crianças apresentavam comportamento agressivo, 50% disseram que as crianças não estavam dispostas a ir à escola e 44% apontaram choro ou gritos incomuns.<sup>55</sup>
- Nos campos de refugiados no Uganda, os cortes nas quantidades de alimentos rações foram percebidos como causadores de conflitos entre irmãos e colegas. Os adolescentes nos campos de refugiados do Uganda também descreveram o aumento de lutas nos centros de distribuição de alimentos devido à superlotação e tensões durante longos tempos de espera e competição por recursos escassos.<sup>56</sup>
- No Sudão do Sul, onde mais da metade das mulheres se casam antes dos 18 anos, os conflitos relativos à distribuição de recursos como alimentos entre co-esposas em famílias polígamas foram citados como particularmente frequentes e intensos.<sup>57</sup>

A escassez de alimentos também cria riscos de crianças sofrerem **violência a nível comunitário** e tem o potencial de agravar as tensões intercomunitárias entre as novas populações de refugiados e as existentes.

- As crianças no Quênia e Papua Nova Guiné apontam que roubam comida de jardins e vizinhos, sendo apanhadas e espancadas.<sup>58</sup>
- Em dois reassentamentos de refugiados no Uganda, um estudo perguntou a refugiados adolescentes e adultos que chegaram antes de 2015 como a chegada de novos refugiados em 2016 afectou a saúde e o bem-estar das raparigas e dos rapazes adolescentes. O impacto mais mencionado foi a redução de alimentos, como resultado da chegada de novos refugiados. Os refugiados que chegaram antes de 2015 sofreram um corte de 50% nas quantidades de alimentos e tanto os encarregados de educação quanto os adolescentes apontaram que os adolescentes tinham de saltar refeições regularmente e não conseguiam cobrir custos tais como comprar petróleo ou pagar taxas escolares, como resultado da perda de rendimento com a venda de alimentos.<sup>59</sup>

**Os programas de segurança alimentar também podem colocar as crianças em risco de violência física e emocional.**

- As crianças que buscam assistência alimentar podem ser expostas a ataques físicos e assédio por parte de vendedores, comerciantes e membros da comunidade. As crianças também podem ser expostas a ataques durante roubos, especialmente se estiverem a carregar bens valiosos ou grandes somas de dinheiro.<sup>60</sup>

## TRABALHO INFANTIL

**O trabalho infantil refere-se a qualquer trabalho que prive as crianças de sua educação ou que seja mental, física, social ou moralmente perigoso e prejudicial para as crianças. Nem todo trabalho infantil é considerado trabalho infantil. O trabalho perigoso é a pior forma de trabalho infantil e é definido como susceptível de prejudicar a saúde, o desenvolvimento, a segurança e a moral das crianças. O trabalho infantil é um mecanismo de sobrevivência contra a insegurança alimentar comumente mencionado.**

Em muitos países, o trabalho infantil é visto como fundamental para a sobrevivência de uma família. As crianças reconhecem que podem ser uma parte crucial das estratégias de sobrevivência do seu agregado familiar para gerir a insegurança alimentar e podem também sentir a necessidade de trabalhar e apoiar os seus pais e irmãos.<sup>61</sup> As crianças também podem começar a trabalhar para lidar com a própria fome.

- Como explicou uma rapariga na Etiópia, embora colher feijão fosse cansativo, não podia recusar, porque “vamos passar fome e não vou conseguir ter material escolar”.<sup>62</sup> De acordo com a mãe, o trabalho da filha foi fundamental para que a família conseguisse comprar comida, café, roupas e material escolar.
- Na Venezuela, as crianças apontaram equilibrar a sua educação com trabalho temporário, como engraxar sapatos, embalar mantimentos ou fazer pequenos trabalhos; contudo, a longo prazo, podem estar mais propensos a assumir um trabalho formal que impede sua educação.<sup>63</sup>
- No Sudão do Sul, raparigas de 9 a 12 anos apontaram juntar-se a seus pais ou vizinhos nas machambas ou pedir esmola nas ruas para lidar com a fome, ao passo que os rapazes mencionaram trabalhar na construção, minas, hotéis e restaurantes, fábricas de álcool ou na pesca. Os rapazes também apontaram recorrer a crimes, tais como roubar veículos ou gado como forma de ganhar dinheiro. As raparigas de 13 a 17 anos apontaram buscar lenha, preparar álcool, trabalhar nas machambas ou no mercado local, ao passo que os rapazes de 13 a 17 anos também apontaram deixar a escola para mendigar ou viver nas ruas por falta de comida em casa.<sup>64</sup>

55. Save the Children, April 2017, “Child protection needs assessment Somalia”.

56. Meyer et al, Protection and well-being of adolescent refugees in the context of a humanitarian crisis: Perceptions from South Sudanese refugees in Uganda, *Social Science & Medicine*, Volume 221, 2019, Pages 79-86.

57. World Vision, “Child Marriage and Hunger Crisis: South Sudan Case Study”, 2021. Ellsberg et al. “If You Are Born a Girl in This Crisis, You Are Born a Problem”: Patterns and Drivers of Violence Against Women and Girls in Conflict-Affected South Sudan. *Violence Against Women*. 2021;27(15-16):3030-3055.

58. Child Partnership Program Papua New Guinea, Food Security Assessment Report (Kandep-Panduaga), 6 April 2016.

59. Meyer et al, Protection and well-being of adolescent refugees in the context of a humanitarian crisis: Perceptions from South Sudanese refugees in Uganda, *Social Science & Medicine*, Volume 221, 2019, Pages 79-86.

60. Save the Children, Child Safeguarding for Cash and Voucher Assistance Guidance, 2019.

61. UNICEF, Inter-Agency Child Protection Rapid Assessment Report, Child Protection Sub-cluster, March 2013

62. Morrow et al, “I started working because I was hungry”: The consequences of food insecurity for children’s well-being in rural Ethiopia, *Social Science & Medicine*, Volume 182, 2017, Pages 1-9.

63. Bernal et al, Children Live, Feel, and Respond to Experiences of Food Insecurity That Compromise Their Development and Weight Status in Peri-Urban Venezuela, *The Journal of Nutrition*, Volume 142, Issue 7, July 2012.

64. Save the Children. Children’s Recommendations for the hunger responses in South Sudan. 2021.

- Um estudo de métodos mistos de refugiados sírios registados e não registados no Vale do Beqaa, Líbano, constatou que, para todos os refugiados registados, os alimentos e/ou assistência monetária multifuncional eram a sua principal fonte de subsistência; no entanto, independentemente do estado de registo, as crianças de até 11 anos eram essenciais para a subsistência das suas famílias através do trabalho infantil.<sup>65</sup>

**As raparigas e os rapazes adolescentes têm acesso a diferentes oportunidades de subsistência e os seus papéis podem estar muito relacionados com o género.**

Isto, por sua vez, afecta o seu potencial de ganhos e a sua capacidade de ter acesso a alimentos e atender às suas outras necessidades. Os programas de meios de subsistência geralmente excluem qualquer pessoa com menos de 18 anos.

- Nas áreas afectadas por conflitos da Nigéria, os papéis dos rapazes adolescentes foram descritos como fazer pequenos trabalhos, agricultura e envolvimento em actividades de subsistência. As raparigas adolescentes eram tipicamente responsáveis por cuidar dos irmãos mais novos e tarefas domésticas, tais como buscar água, cozinhar alimentos, varrer a casa e lavar a roupa. O envolvimento dos rapazes adolescentes em actividades remuneradas e de subsistência também foi significativamente mais valorizado do que o papel das raparigas adolescentes.<sup>66</sup>
- No Sudão do Sul, relata-se mais frequentemente que raparigas adolescentes se envolvem em actividades informais de subsistência de pequena escala no mercado, em vez de emprego formal remunerado.<sup>67</sup>
- Na Bacia do Lago Chade, as raparigas adolescentes apontaram ter-se envolvido no trabalho informal ou não regulamentado para ajudar a atender às demandas da família, o que as expôs ainda mais à insegurança. O maior acesso dos rapazes adolescentes a oportunidades de emprego formal deu-lhes maior probabilidade de ganho e capacidade de compra de alimentos. Como resultado, os rapazes adolescentes conseguiram complementar a alimentação que recebiam em casa.<sup>68</sup>

Até que ponto o trabalho infantil aumenta em situações de insegurança alimentar é provavelmente afectado por outros factores contextuais, tais como o contexto económico, as leis de trabalho e a liberdade de circulação.

- Na Somália, 55% dos entrevistados afirmaram que o número de crianças envolvidas em trabalho infantil como resultado da seca aumentou devido à necessidade de comprar alimentos e ganhar

um rendimento extra; as crianças recolhiam lixo, engraxavam sapatos e faziam trabalhos ocasionais como garçons ou porteiros. No mesmo estudo, outros apontaram uma redução do trabalho infantil devido à má nutrição e um declínio geral da actividade económica.<sup>69</sup>

- No Bangladesh, a falta de liberdade de circulação e as restrições às iniciativas de meios de subsistência criaram barreiras às oportunidades de geração de rendimento das adolescentes, o que aumentou a sua vulnerabilidade geral.<sup>70</sup>
- De acordo com um inquérito de 2019 aos refugiados sírios registados no Líbano, 97% das famílias refugiadas precisavam recorrer a uma estratégia de subsistência: 30% reduziram os gastos relacionados com a escola; 12% retiraram as crianças da escola; 5% recorreram ao envolvimento de crianças em idade escolar na geração de rendimento e 1% recorreu a uniões prematuras.<sup>71</sup>
- No Líbano, informantes-chave responderam que, como as crianças sírias com menos de 15 anos não eram obrigadas a ter documentos legais, estavam em melhor posição de atravessar os postos de controlo e ter acesso a oportunidades de emprego.<sup>72</sup>

**Alguns programas de segurança alimentar e meios de subsistência podem inadvertidamente aumentar os riscos de trabalho infantil.**

- Nos programas de dinheiro por trabalho, as transferências de dinheiro que aumentam a produtividade agrícola familiar podem causar trabalho infantil, especialmente se criarem factores de atracção que resultem na saída das crianças da escola. As crianças cujos encarregados de educação estão a participar num pequeno programa podem retirar-se da escola para substituir o encarregado de educação no seu local de trabalho anterior ou as crianças podem participar directamente no programa.<sup>73</sup> As raparigas podem estar em risco particular de abandonar a escola para assumir trabalhos domésticos e de cuidados.
- Os programas podem criar novas oportunidades de trabalho, que não são preenchidas por adultos, criando uma procura que é satisfeita por crianças.<sup>74</sup>
- Quando grupos vulneráveis são excluídos da assistência ou não têm acesso ao mercado de trabalho formal, as famílias podem ter maior probabilidade de recorrer ao trabalho infantil.<sup>75</sup>
- Os programas de segurança alimentar podem contar com cadeias de abastecimento, indústrias ou empresas que utilizam trabalho infantil.

65. Nabulsi, Dana et al. "Voices of the Vulnerable: Exploring the Livelihood Strategies, Coping Mechanisms and Their Impact on Food Insecurity, Health and Access to Health Care Among Syrian Refugees in the Beqaa Region of Lebanon." *PloS one* 15.12 (2020).

66. Plan International. *Adolescent Girls in Crisis: Voices from the Lake Chad Basin*, 2018.

67. Plan International. *Adolescent Girls in Crisis: Voices from the South Sudan Crisis*, 2018.

68. Plan International. *Adolescent Girls in Crisis: Voices from the Lake Chad Basin*, 2018.

69. Save the Children, April 2017, "Child protection needs assessment Somalia".

70. Plan International. *Adolescents Girls in Crisis: Rohingya*, 2018.

71. 10 percent resorted to selling productive assets, 54 percent reduced expenditures related to health. See Vulnerability Assessment for Syrian refugees (VASyR), 2019.

72. Nabulsi, Dana et al, "Voices of the Vulnerable: Exploring the Livelihood Strategies, Coping Mechanisms and Their Impact on Food Insecurity, Health and Access to Health Care Among Syrian Refugees in the Beqaa Region of Lebanon." *PloS one* 15.12 (2020).

73. The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, *Cash Transfer Programming and Child Protection in Humanitarian Action: Review and Opportunities to Strengthen to Evidence*, 2019.

74. The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action, *Inter-Agency Toolkit: Preventing and Responding to Child Labour in Humanitarian Action*. 2020.

75. *Ibid.*

## RECRUTAMENTO E USO POR FORÇAS ARMADAS E GRUPOS ARMADOS

**As crianças podem ser alistadas nas forças armadas ou grupos armados de forma compulsiva ou não. As crianças podem ser usadas de diferentes maneiras, como combatentes, cozinheiros, guardas, espiões ou para fins sexuais. As crianças podem ser forçadas a testemunhar, sofrer ou cometer violência e enfrentar consequências imediatas e de longo prazo para a sua saúde física e mental. Há alguma evidência de que a insegurança alimentar desempenha um papel no risco de as crianças serem recrutadas e usadas pelas forças armadas e grupos armados.**

A associação entre insegurança alimentar e recrutamento para grupos armados ou forças armadas depende da natureza do conflito e do contexto mais amplo.

- Na Serra Leoa, verificou-se que era mais provável que indivíduos se juntassem às forças armadas e grupos armados se oferecessem dinheiro e comida, enquanto que em conflitos de motivação política como o Burundi e a Colômbia, a comida não era mencionada como uma motivação para a adesão.
- Num inquérito do Banco Mundial a sete países, a motivação mais comum para aderir a movimentos rebeldes e gangues de rua foi citada como sendo a falta de meios de subsistência ou de oportunidades geradoras de rendimento sustentado.<sup>76</sup> Embora a segurança alimentar não tenha sido mencionada explicitamente, as oportunidades de subsistência sustentada tendem a apoiar a segurança alimentar das famílias.

O acesso a recursos, tais como alimentos, também pode influenciar o recrutamento voluntário ou forçado e o uso de crianças em grupos armados ou forças armadas.

- No norte de Uganda, as famílias encorajavam as filhas a se tornarem “esposas temporárias” ou segunda ou terceira esposas de soldados e membros da milícia para obter protecção e segurança adicionais, assim como acesso a alimentos, dinheiro e outros recursos.<sup>77</sup>
- Na Libéria, as crianças nos campos de deslocados internos e de refugiados apontaram que as forças armadas ou grupos armados atraíram crianças para longe dos pais através de falsas distribuições de alimentos ou foram apanhadas por grupos armados enquanto procuravam comida. Em alguns casos, os rapazes e as raparigas falaram em ingressar em grupos armados como forma de evitar o roubo de propriedades e alimentos de grupos armados e obter acesso imediato a alimentos obtidos por meio de saques. Também foi mencionado que a comida era dada pelos aldeões a grupos armados como incentivo para não assediar civis ou recrutar à força crianças; quando a aldeia ficou sem comida, já não conseguiam impedir o recrutamento de crianças.<sup>78</sup>

**“ ENCONTRAR COMIDA ERA UM PROBLEMA... ENTÃO EU DISSE À MINHA MÃE QUE IRIA DAR UMA VOLTA PARA VER OS COMBATENTES. TINHAM COMIDA PORQUE AS SUAS NAMORADAS COZINHAVAM PARA ELES TODOS OS DIAS. ”**

**RAPARIGA DE 17 ANOS, LIBÉRIA<sup>79</sup>**



Mulheres que vendem leite e bens na área de mercado recentemente reaberto, Pibor (Sul do Sudão) .

©PLAN INTERNATIONAL

76. World Bank, World Development Report 2011: Conflict, Security, and Development. Washington, DC: World Bank.

77. Spears et al. “Gender, Famine, and Mortality,” World Peace Foundation and Feinstein International Center, Occasional Paper #36, December 2021.

78. Save the Children, Fighting Back: Child and community-led strategies to avoid children’s recruitment into armed forces and groups in West Africa.

79. Ibid.

Jovem rapariga pega na tigela de Doungouri Da mo (Níger).

©PLAN INTERNATIONAL



## PERIGOS E LESÕES

**Perigos e lesões referem-se a danos não intencionais que ferem, prejudicam ou matam crianças. A insegurança alimentar aumenta o risco de perigo e lesões para as crianças de forma directa e indirecta.**

A insegurança alimentar aumenta o risco de perigo e lesões para as crianças, pois as crianças podem precisar de mais tempo para ter acesso e preparar alimentos. As crianças correm um risco significativo de lesões enquanto cozinham. A insuficiência de alimentação também pode afectar o funcionamento básico da criança, levando ao risco de acidentes.

- As crianças em Papua Nova Guiné e Uganda apontaram sentimentos de fadiga, desmaios na escola e aumento do risco de serem atropeladas a caminho da escola por causa da fome.<sup>80</sup>

A redução da supervisão dos pais como resultado da insegurança alimentar também pode aumentar o risco de lesões e morte por acidentes nas crianças. As crianças envolvidas no trabalho infantil como resultado da insegurança alimentar também podem enfrentar um risco maior de perigo e lesões durante o trabalho.

- No Camboja, onde as crianças tinham que ganhar dinheiro trabalhando nas casas ou machambas de outras pessoas, apontaram não se sentir seguras e adoecer com o calor.<sup>81</sup>

**As intervenções de segurança alimentar, nomeadamente a distribuição de alimentos, também apresentam riscos para as crianças.**

- No Malawi, as crianças que vivem nos campos de refugiados apontaram lutas e risco de ferimentos físicos enquanto esperavam por comida, assim como roubo e violência ao regressar das distribuições. As crianças desacompanhadas e separadas e famílias chefiadas por crianças apontaram ter sido alvo de ladrões. Em alguns casos, as crianças faltaram à escola para passar os dias seguintes a uma distribuição a guarnecer alimentos nas suas casas.<sup>82</sup>

80. Meyer et al, Protection and well-being of adolescent refugees in the context of a humanitarian crisis: Perceptions from South Sudanese refugees in Uganda, *Social Science & Medicine*, Volume 221, 2019, Pages 79-86. Child Partnership Program Papua New Guinea, *Food Security Assessment Report (Kandep-Panduaga)*, 6 April 2016.

81. Polack E, *Child rights and climate change adaptation: voices from Cambodia and Kenya*. In: *Children in a Changing Climate*; 2010.

82. Plan International Malawi. *Integrated CP-SGBV and Food Security Case Study*.

## UNIÕES PREMATURAS

**União prematura refere-se a uma união formal ou informal em que uma ou ambas as partes têm menos de 18 anos. As crianças não podem dar pleno consentimento ao casamento e, por isso, quase todas as uniões prematuras são consideradas forçadas. As raparigas que se casam antes dos 18 anos têm maior probabilidade de sofrer violência por parte do parceiro íntimo, complicações perigosas na gravidez e muitas vezes espera-se que abandonem a escola. A união prematura é um mecanismo de sobrevivência negativo usado por famílias e raparigas que enfrentam a insegurança alimentar.**

As famílias usam a união prematura como um mecanismo de sobrevivência para reduzir os encargos financeiros ou ter um membro da família a menos para alimentar.<sup>83</sup>

- Na Etiópia, os casos de uniões prematuras aumentaram 51% numa zona afectada pela seca e com insegurança alimentar. Noutras zonas, as uniões prematuras foram quatro vezes mais frequentes.<sup>84</sup>
- Durante a seca no Níger, as mães apontaram que escolheriam casar as suas filhas com homens ricos para que pudessem cuidar dos seus outros filhos. Após a fome de 2010 no Quênia e as inundações no Paquistão, houve relatos de aumento de uniões prematuras. No Quênia, a Plan International informou que as raparigas entre 12 e 13 anos se casaram com homens mais velhos como segundas esposas, como forma das suas famílias reduzirem o número de membros da família para alimentar e obter recursos financeiros e materiais. Em outros casos, raparigas de 4 a 5 anos foram enviadas para viver com outras famílias e para serem futuras noivas dos filhos dessas famílias.<sup>85</sup>

Em contextos com desastres recorrentes, as **famílias também podem usar a união prematura antes dos choques e da insegurança alimentar esperados.**

- Em entrevistas no Bangladesh, algumas famílias apontaram casar as suas filhas por esperarem perder suas casas e meios de subsistência devido a desastres naturais.<sup>86</sup>

As adolescentes têm poder de decisão limitado para escolher quando e com quem se casar. Em alguns casos, **há relatos de que as raparigas envolvem-se em uniões prematuras, por iniciativa própria, como forma de aumentar o seu próprio acesso à comida.**

- No Nepal, as raparigas apontaram que a união lhes permitia comer mais do que quando moram com os pais. No Zimbabwe, raparigas adolescentes mencionaram buscar a união prematura como forma de escapar da insegurança alimentar nas casas dos seus pais.<sup>87</sup>
- Em alguns casos, em contextos de conflito armado, as próprias raparigas “voluntariamente” envolveram-se com um combatente como marido para garantir a segurança da sua própria família e o acesso a comida e abrigo.<sup>88</sup>

Contudo, as raparigas em união prematura podem enfrentar maior insegurança alimentar após a união.

- No Bangladesh, os maridos apontaram ter negado comida às noivas como forma de forçar as famílias a aumentar os pagamentos do dote.<sup>89</sup> As raparigas em união prematura na Tanzânia, Nepal e Bangladesh apontaram abuso de parentes por afinidade e negação de comida.<sup>90</sup> As raparigas em uniões polígamas também declararam ter lutado com outras esposas por causa de comida ou ter-lhes sido negada comida por outras esposas.<sup>91</sup>
- As raparigas em uniões prematuras, principalmente aquelas que são segundas esposas, provavelmente enfrentam desafios em defender o acesso à alimentação para si mesmas e possivelmente até para os seus filhos, sendo que podem não ter conhecimento suficiente sobre a sua própria saúde, nutrição e segurança alimentar. No Bangladesh, a World Vision apontou que as raparigas evitavam deliberadamente alimentos durante a gravidez para garantir um parto menos doloroso.<sup>92</sup>

Em casos raros, a insegurança alimentar pode levar a uma redução de uniões prematuras, possivelmente devido a outros factores, tais como pobreza e desemprego.

- No Sahel, observou-se uma diminuição de uniões prematuras devido à incapacidade das famílias de fornecer dotes e à migração de homens jovens para outras áreas em busca de trabalho.<sup>93</sup> Na avaliação da seca de 2017 na Somália, 65% dos entrevistados apontaram uma diminuição nas uniões prematuras na sua comunidade devido à seca. Contudo, na mesma avaliação, 59% dos entrevistados também acreditam que as raparigas apresentam maior probabilidade de serem casadas cedo pelos pais devido à seca, como resultado dos incentivos monetários, falta de rendimento para manter a família e congestionamento nos acampamentos.<sup>94</sup>

**A insegurança alimentar é apenas uma das causas de uniões prematuras.** Outros factores incluem desigualdade de género, segurança, religião, normas culturais e factores psicossociais.

83. Gliński et al, The Child, Early, and Forced Marriage Resource Guide Task Order, Banyan Global, 2015.

84. Davies Lizzie, “Ethiopian drought leading to ‘dramatic’ increase in child marriage, UNICEF warns,” The Guardian, 30 April 2022.

85. Plan International. Investing in Child Protection and GBV in Food Crisis: The Link between Food Security and Child Protection and GBV.

86. Human Rights Watch, “Marry Before Your House is Swept Away”; Child Marriage in Bangladesh, June 9, 2015.

87. Plan International, Women’s Refugee Commission, The Cynefin Co., Our Voices, Our Future: Understanding child marriage in food-insecure communities in Chiredzi District, Zimbabwe. June 2022.

88. Mazurana et al, Child marriage in armed conflict, International Review of the Red Cross, 2019, 101(911), 575-601.

89. World Vision, Untying the Knot: Exploring Early Marriage in Fragile States March 2013.

90. Human Rights Watch, “Out Time to Sing and Play”: Child Marriage in Nepal, September 8, 2016.

91. Human Rights Watch, No way out: Child marriage and human rights abuses in Tanzania, October 29, 2014.

92. World Vision, Untying the Knot: Exploring Early Marriage in Fragile States March 2013.

93. Plan International. Investing in Child Protection and GBV in Food Crisis: The Link between Food Security and Child Protection and GBV.

94. Save the Children, April 2017, “Child protection needs assessment Somalia”.



Uma rapariga recolhe lenha para cozinhar em sua casa (Guatemala).

©PLAN INTERNATIONAL

- Numa pesquisa comparativa sobre uniões prematuras em contextos humanitários e de desenvolvimento no Egipto, Jordânia, Líbano, Marrocos, Sudão e Iémen constatou-se que os factores que influenciam as uniões prematuras em contextos humanitários incluem a capacidade das raparigas de contribuir para a subsistência e a capacidade de trabalhar. Em locais onde as raparigas não podiam ir à escola e tinham liberdade de circulação limitada ou eram confinadas a acampamentos, as mesmas não eram capazes de contribuir nos seus agregados familiares e eram vistas como um fardo para a família. Como resultado, casar as raparigas era uma forma de as famílias pouparem recursos e terem acesso a outros recursos adicionais.
- No Zimbabue, um estudo da Plan International e da Women's Refugee Commission constatou que a insegurança alimentar, além de outros factores, como dificuldades económicas, normas tradicionais de género, pressão negativa dos colegas, teve impacto sobre a união prematura de raparigas adolescentes, estando as raparigas adolescentes a viver em famílias chefiadas por adolescentes em risco especial.<sup>95</sup>

#### As intervenções de segurança alimentar podem involuntariamente permitir uniões prematuras.

- Nos contextos em que os dotes são praticados, verificou-se que grandes transferências incondicionais de dinheiro foram poupadas ou usadas para ter acesso ao crédito para pagar os dotes. Na Índia, os pagamentos foram usados para cobrir o dote e outras despesas matrimoniais.<sup>96</sup>

## VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

Violência por parceiro íntimo (VPI) refere-se a qualquer forma de violência física, sexual, emocional e económica que é usada por alguém sobre um parceiro íntimo. As crianças expostas à VPI, tais como viver numa casa com VPI ou testemunhar VPI, são mais propensas a sofrer maus-tratos físicos e emocionais, sofrer de saúde mental e passar por sofrimento psicossocial, assim como maltratar os seus próprios filhos.<sup>97</sup> A insegurança alimentar está ligada a crianças expostas à violência por parceiro íntimo ou raparigas em uniões prematuras que sofrem violência por parceiro íntimo.

Vários estudos encontraram uma ligação entre a insegurança alimentar e a violência por parceiro íntimo.

- Num estudo quantitativo em dois distritos do Uganda com alta população migrante, a insegurança alimentar foi associada à perpetração masculina de violência física e sexual; a insegurança alimentar foi associada a quase três vezes o risco de os homens declararem ter perpetrado violência sexual e física sobre o seu parceiro íntimo.<sup>98</sup>
- Num estudo de uma zona periurbana da África do Sul, a insegurança alimentar duplicou as probabilidades de os homens perpetrarem violência sobre os seus parceiros íntimo.<sup>99</sup>
- No Sudão do Sul, o aumento do abuso de álcool por parte dos homens, agravado pela perda de propriedade e falta de emprego e oportunidades de emprego, foi citado como um elemento que desencadeia o abuso físico das esposas.<sup>100</sup>

Embora as mulheres e as raparigas tendam a ter menos controlo sobre os orçamentos domésticos, são muitas vezes responsáveis por alimentar as famílias e culpadas se as refeições forem insuficientes.

- Na zona rural do Bangladesh, os inquiridos declararam que quando se oferecessem porções alimentares inadequadas aos homens, isto poderia resultar em violência retaliatória contra as esposas. Os homens também podem negar o acesso a recursos para comprar alimentos como uma forma de violência baseada no género.<sup>101</sup>
- Os inquiridos no estudo entre refugiados com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos no Uganda apontaram que a falta de alimentos e outras formas de escassez de recursos produziram tensões e stress, que levaram à violência do parceiro íntimo e foram exacerbados em uniões polígamas.<sup>102</sup>

95. Plan International, Women's Refugee Commission, The Cynefin Co., Our Voices, Our Future: Understanding child marriage in food-insecure communities in Chiredzi District, Zimbabwe, June 2022.

96. Girls Not Brides. How cash transfers contribute to ending child marriage. Thematic Paper 1.

97. Wathen, Children's exposure to intimate partner violence: Impacts and interventions, Paediatr Child Health. 2013 Oct;18(8):419-22.

98. Awungafac, et al, Household food insecurity and its association with self-reported male perpetration of intimate partner violence: a survey of two districts in central and western Uganda BMJ Open 2021.

99. Hatcher, et al. Pathways from food insecurity to intimate partner violence Perpetration among Peri-Urbanmen in South Africa. American Journal of Preventative Medicine. 2019; 56:765-72.

100. Ellsberg et al. "If You Are Born a Girl in This Crisis, You Are Born a Problem": Patterns and Drivers of Violence Against Women and Girls in Conflict-Affected South Sudan. Violence Against Women.

101. Lentz EC, Complicating narratives of women's food and nutrition insecurity: Domestic violence in rural Bangladesh. World Development 2018; 104:271-80.

102. Logie et al, "Exploring Resource Scarcity and Contextual Influences on Wellbeing Among Young Refugees in Bidi Bidi Refugee Settlement, Uganda: Findings from a Qualitative Study," Conflict and health 15.1 (2021): 3-11.

A insegurança alimentar é apenas um factor que pode contribuir para a violência por parceiro íntimo. Outros factores incluem problemas de saúde mental, atitudes de género desiguais, consumo de álcool e múltiplos parceiros íntimos.<sup>103</sup>

- Num estudo qualitativo da zona urbana da Costa do Marfim pós-conflito, os participantes citaram a instabilidade habitacional, a insegurança alimentar e a falta de redes de segurança económica como factores que contribuem para a violência por parceiros íntimos. Após a violência relacionada com as eleições, o aumento dos preços fez com que muitas famílias enfrentassem insegurança alimentar, instabilidade habitacional e fossem forçadas a tirar as crianças da escola. Os homens que estavam frustrados com a sua capacidade de sustentar as suas famílias teriam respondido com abuso físico ou emocional ou violência sexual contra as suas parceiras. As mulheres que enfrentavam fome e pobreza extrema eram obrigadas a prestar serviços sexuais a homens que não fossem seus maridos para ter acesso a apoio financeiro e material, tais como roupas, alimentação e propinas escolares; isto, por sua vez, aumenta o risco de maior exploração e violência contra as mulheres, incluindo por parte do marido. A incapacidade dos homens de cumprir o seu papel tradicional de género de sustentar as suas famílias parece afectar as suas percepções da sua masculinidade e contribui para o uso da violência para demonstrar a sua masculinidade.<sup>104</sup>



As raparigas comem o seu almoço, que faz parte de um programa de alimentação escolar para ajudar a conter o absentismo, na escola primária do Quênia.

©PLAN INTERNATIONAL

## EXPLORAÇÃO SEXUAL

**A exploração sexual é uma forma de violência sexual e baseada no género e refere-se a qualquer abuso real ou tentativa de abuso de uma posição de vulnerabilidade, poder ou confiança, para fins sexuais. A exploração sexual pode abranger termos como “sexo transaccional” ou “sexo por comida”. A exploração e abuso sexual (EAS) é um termo usado para se referir a um trabalhador humanitário que explora ou abusa sexualmente de um membro da comunidade local.**

**A exploração sexual de crianças, como sexo em troca de acesso a alimentos ou dinheiro para comprar alimentos, é um risco-chave de protecção que as crianças, particularmente as raparigas, enfrentam em contextos humanitários.**

- No Quênia, as crianças citaram a fome como factor que torna as raparigas mais vulneráveis à exploração sexual.<sup>105</sup> No campo de refugiados de Bidi Bidi, Uganda, a falta de recursos domésticos, incluindo alimentos, foi geralmente citada como a razão pela qual raparigas adolescentes e mulheres jovens praticam sexo transaccional.<sup>106</sup>
- No Ruanda, os entrevistados apontaram que as adolescentes praticavam sexo transaccional como meio para a obtenção de bens materiais: “A tua mãe pode não conseguir comprar comida excepto milho. Então, aí tens de procurar alguém que te possa ajudar” - adolescente do sexo feminino, Ruanda.<sup>107</sup>
- Em 2016, um estudo sobre os locais de Protecção de Civis e em Rumbek, Sudão do Sul, constatou que a exploração e abuso sexual era uma prática comum, com as mulheres a serem pedidas para fazer sexo em troca de alimentos ou serviços. Os relatórios incluíam actores humanitários e líderes comunitários que exigiam sexo em troca de alimentos e outros bens essenciais.<sup>108</sup>
- No Malawi, houve relatos de raparigas e mulheres jovens serem submetidas a exploração e abuso sexual durante a distribuição de alimentos. Por exemplo, favores sexuais em troca de serem colocadas nas listas de distribuição ou para evitar longas filas.<sup>109</sup>
- Na Nigéria, as raparigas e mulheres apontaram terem sido forçadas à exploração sexual pelas forças de segurança do Estado, a fim de obter comida para as suas famílias e acesso a oportunidades limitadas de subsistência, assim como por medo de detenção e espancamento. As mulheres apontaram que os seus alimentos foram roubados e vendidos por soldados.<sup>110</sup>

103. Laurenzi et al, “Food Insecurity, Maternal Mental Health, and Domestic Violence: A Call for a Syndemic Approach to Research and Interventions.” *Maternal and child health journal* 24.4 (2020): 401–404.

104. Cardoso et al, What Factors Contribute to Intimate Partner Violence Against Women in Urban, Conflict-Affected Settings? Qualitative Findings from Abidjan, Côte d’Ivoire, *Journal of Urban Health* 93, 364–378 (2016).

105. Polack, Child rights and climate change adaptation: voices from Cambodia and Kenya. In: *Children in a Changing Climate*; 2010.

106. Logie et al, “Exploring Resource Scarcity and Contextual Influences on Wellbeing Among Young Refugees in Bidi Bidi Refugee Settlement, Uganda: Findings from a Qualitative Study,” *Conflict and health* 15.1 (2021): 3–11.

107. Bermudez et al, “Safety, Trust, and Disclosure: A Qualitative Examination of Violence Against Refugee Adolescents in Kiziba Camp, Rwanda,” *Social science & medicine* (1982) 200 (2018): 83–91.

108. Ellsberg et al, “If You Are Born a Girl in This Crisis, You Are Born a Problem”: Patterns and Drivers of Violence Against Women and Girls in Conflict-Affected South Sudan. *Violence Against Women*.

109. Plan International Malawi, *Integrated CP-SGBV Food Security Assessment*.

110. Amnesty International, “They Betrayed Us”: Women who survived Boko Haram raped, starved, and detained in Nigeria. 2018

## VIOLÊNCIA SEXUAL

A violência sexual é uma forma de violência sexual e baseada no género e refere-se a qualquer acto sexual cometido contra a vontade de outra pessoa. A violência sexual inclui o estupro, que é qualquer penetração vaginal, anal ou oral sem consentimento da outra pessoa com qualquer parte do corpo ou objecto.

A insegurança alimentar está ligada ao aumento do risco de violência sexual contra crianças. A insegurança alimentar pode exigir que as crianças passem mais tempo a **buscar alimentos, água e lenha**, o que, por sua vez, as coloca em risco de violência sexual.

- Num estudo qualitativo do campo de refugiados de Kibiza no Ruanda, adolescentes e encarregados de educação apontaram as restrições de recursos e a insegurança económica como a causa primária da violência contra adolescentes. A falta de lenha e a deslocação para buscar lenha foram frequentemente apontados como factores que expõem os adolescentes a abusos físicos e sexuais.<sup>111</sup>
- Na Somália, dos entrevistados que apontaram que houve um aumento da violência contra crianças após a seca, 80% mencionaram casos de violência sexual na busca da lenha, 71% na pastorícia e 66% na busca de água.<sup>112</sup> No Uganda, a busca de água e lenha foram citados como sendo os factores que contribuíram para as mulheres e raparigas enfrentarem agressões sexuais. A degradação ambiental foi vista como um factor que exacerbou o risco de agressão sexual.<sup>113</sup>
- Num estudo qualitativo de 2016 no Sudão do Sul, as mulheres apontaram ser vulneráveis à violência sexual de membros da comunidade, forças de segurança e forças da oposição caso se aventurassem para fora dos locais de Protecção de Civis protegidos pela UNMISS para obter alimentos, cultivar, buscar lenha ou se envolver em meios de subsistência.<sup>114</sup>
- Durante a crise de Darfur, cerca de 200 mulheres e raparigas eram estupradas ou mortas por mês na busca da lenha para cozinhar ou na geração de rendimento.<sup>115</sup>

## OUTROS PROBLEMAS

- Grupos vulneráveis de crianças podem enfrentar **discriminação ao receber assistência alimentar**. No Malawi, foi denunciado que os voluntários que recolhiam as provisões alimentares estavam a desviar os alimentos das crianças desacompanhadas e separadas e outros grupos vulneráveis.<sup>116</sup>
- **As crianças vivendo com deficiência** podem enfrentar barreiras específicas no acesso à assistência alimentar. Na República Centro-Africana, 87% das pessoas com deficiência apontaram dificuldades no acesso a distribuições de artigos não alimentares, alimentos e dinheiro. As famílias com, pelo menos, um membro com deficiência eram menos propensas a ter segurança alimentar (20% em comparação com 24%) e tinham duas vezes mais insegurança alimentar grave em comparação com as famílias sem deficiência.<sup>117</sup>

## INSEGURANÇA ALIMENTAR E RAPARIGAS ADOLESCENTES

A protecção e o bem-estar dos adolescentes são bastante afectados pela insegurança alimentar, mas os adolescentes são frequentemente negligenciados pelas respostas à segurança alimentar e protecção à criança. As respostas humanitárias negligenciam cronicamente as necessidades e capacidades únicas dos adolescentes.<sup>118</sup>

As adolescentes enfrentam vários fardos durante a crise alimentar. Desempenham um papel fundamental na produção e preparação de alimentos das suas famílias, sacrificam refeições para crianças menores e outros membros da família e vêem a sua educação interrompida. As raparigas adolescentes também têm menos acesso a oportunidades de subsistência ou emprego formal, ganhando menos dinheiro e reconhecimento pelo seu trabalho em comparação com seus pares do sexo masculino. Isto, juntamente com normas de género nocivas e falta de serviços disponíveis e redes de segurança social, coloca ainda mais as adolescentes em risco de mecanismos de sobrevivência negativos, tais como exploração sexual, uniões prematuras, recrutamento e uso por forças armadas e grupos armados.

111. Bermudez et al. "Safety, Trust, and Disclosure: A Qualitative Examination of Violence Against Refugee Adolescents in Kiziba Camp, Rwanda," *Social science & medicine* (1982) 200 (2018): 83–91.

112. Save the Children, April 2017, "Child protection needs assessment Somalia".

113. Logie, et al. "Exploring Resource Scarcity and Contextual Influences on Wellbeing Among Young Refugees in Bidi Bidi Refugee Settlement, Uganda: Findings from a Qualitative Study," *Conflict and health*.

114. Ellsberg et al. "If You Are Born a Girl in This Crisis, You Are Born a Problem": Patterns and Drivers of Violence Against Women and Girls in Conflict-Affected South Sudan. *Violence Against Women*.

115. Women's Commission for Refugee Women and Children. *Finding Trees in the Desert: Fuelwood Collection and Alternatives in Darfur 2006*.

116. Plan International Malawi. *Integrated CP-SGBV and Food Security Case Study*.

117. WFP, *Disability and food security: Central African Republic – Findings from the 2020 ENSA disaggregated by disability*, August 2021.

118. Plan International, *Adolescent Programming Toolkit: Guidance and Tools for Adolescent Programming and Girls' Empowerment in Crisis Settings*, June 2020.

# 04

## COMO OS ACTORES DE PROTECÇÃO À CRIANÇA E SEGURANÇA ALIMENTAR ESTÃO A TRABALHAR JUNTOS



Uma criança de 15 anos lava pratos fora do abrigo da família em Moçambique.

©PLAN INTERNATIONAL

Uma jovem de 15 anos tende a plantar nos campos da sua família no Burkina Faso.

©PLAN INTERNATIONAL



Os informantes-chave que trabalham nos sectores de protecção à criança e segurança alimentar foram questionados sobre a sua experiência na colaboração entre actores de protecção à criança e segurança alimentar, quais acções específicas foram realizadas e se poderiam identificar pré-requisitos para uma forte colaboração, assim como quaisquer práticas promissoras.

Em geral, os informantes-chave não apontaram um forte grau de colaboração entre os actores da protecção à criança e da segurança alimentar.

- Informantes-chave de organizações focadas em crianças com programas de protecção à criança e segurança alimentar apontaram os níveis mais fortes de colaboração sistemática. Isto deveu-se a presença de políticas de protecção à criança, modelos ou quadros de programas multi-sectoriais existentes, conhecimento técnico nos dois sectores e formação regular para funcionários em protecção à criança.
- Vários informantes-chave declararam que a colaboração dependia das relações individuais entre a protecção à criança e os pontos focais de segurança alimentar, assim como se a equipa de protecção ou segurança alimentar tinha conhecimento prévio ou experiência de trabalho no sector de protecção à criança.
- Um informante-chave apontou que, embora outras áreas, tais como mitigação do risco de VBG e inclusão da deficiência, fossem consideradas áreas obrigatórias de integração, as considerações de protecção à criança não eram.
- Vários informantes-chave partilharam que, embora essa fosse uma área de interesse emergente nas suas organizações, não tinham conhecimento de nenhum programa específico que integrasse protecção à criança e segurança alimentar, nem de nenhum que avaliasse os resultados.<sup>119</sup>
- Alguns entrevistados não estavam cientes de qualquer colaboração actual dentro das suas organizações ou entre as suas organizações e outra agência ou mecanismo de coordenação, embora tenham manifestado interesse em explorar essa área.

## EXEMPLOS PRÁTICOS

Vários informantes-chave apontaram acções específicas nas quais os actores de protecção à criança e segurança alimentar estão a colaborar actualmente:

- Formação de pessoal de segurança alimentar por actores de protecção à criança sobre riscos de protecção à criança, salvaguarda e identificação de casos de protecção à criança
- Referências por equipas de segurança alimentar a actores de protecção à criança para gestão de casos de protecção à criança
- Sensibilização sobre os riscos de protecção à criança para encarregados de educação e chefes de família durante as actividades de segurança alimentar
- Desenvolvimento conjunto de critérios de vulnerabilidade e selecção de beneficiários para receber assistência alimentar (incorporação de considerações de protecção à criança em critérios familiares)
- Rastreio de famílias com insegurança alimentar para potenciais riscos de protecção à criança

119. When asked for examples of food security and child protection integrated programs, some key informants referred to examples of nutrition and child protection, specifically programs which worked with caregivers of children below 5 years. In one case, an organization had a program starting-up but had no findings yet.

- Realização de visitas domiciliárias conjuntas
- Definição de adolescentes mais velhos como alvos de intervenções de meios de subsistência
- Mitigação dos riscos de protecção à criança nas distribuições de alimentos através de distribuições amigas da criança

## BARREIRAS À COLABORAÇÃO

Os informantes-chave também identificaram barreiras ou obstáculos à colaboração entre os actores da protecção à criança e da segurança alimentar.

- Os programas de protecção à criança e segurança alimentar podem ser planificados em diferentes localizações geográficas, limitando a capacidade de referências. Por exemplo, a segmentação da segurança alimentar limitada a áreas geográficas significa que as crianças que vivem fora dessas áreas não são elegíveis para assistência.
- Mesmo quando os critérios de definição de metas e população alvo incluem considerações de protecção à criança, as crianças e as famílias raramente conseguem atingir os limiares para receber assistência.
- As vias de referência de protecção à criança podem ser extremamente frágeis. Pode não haver actores especializados em protecção à criança ou serviços especializados nas áreas com programas de segurança alimentar, o que desencoraja os actores de segurança alimentar a identificar ou documentar os riscos de protecção à criança.
- Programas que podem incluir tanto intervenções de protecção à criança quanto de segurança alimentar raramente medem resultados conjuntos ou se o programa foi capaz de mitigar riscos específicos de protecção à criança. Por exemplo, os informantes-chave não tinham conhecimento de nenhum programa de alimentação escolar que medisse os indicadores de protecção à criança.
- Os actores da segurança alimentar podem perceber a protecção à criança como um sector altamente sensível e complexo. Os actores da segurança alimentar podem hesitar em envolver as crianças em avaliações ou programas devido a preocupações sobre falta de capacidade, danos e incapacidade de responder aos riscos identificados para a protecção à criança.
- As preocupações dos doadores sobre a dupla contagem de participantes do projecto, alcance e valor do dinheiro também foram citadas como uma barreira. Um informante-chave apontou que o seu doador queria ver os programas em locais diferentes para aumentar os números de alcance total e o valor do dinheiro, limitando assim a sobreposição de programas de protecção à criança e segurança alimentar nos mesmos locais. Outro informante-chave destacou que um doador não queria financiar um programa que oferecesse serviços de protecção à criança a comunidades que já estavam a receber programas de segurança alimentar, com base na “contagem dupla”, embora as intervenções de segurança alimentar estivessem a ser implementadas por um doador diferente.

## BOAS PRÁTICAS EMERGENTES

Boas práticas de colaboração entre os sectores da protecção à criança e da segurança alimentar incluem:

- Reuniões regulares e partilha de informações entre os actores da protecção à criança e da segurança alimentar, incluindo a partilha dos resultados das avaliações de necessidades e intervenções planificadas.
- Realização de reciclagens regulares sobre protecção à criança, que facilitam referências para gestão de casos de protecção à criança.
- Uso de evidências específicas do contexto para destacar a insegurança alimentar como um factor de atracção para os riscos de protecção à criança.
- Mapeamentos detalhados das intervenções de protecção à criança e segurança alimentar, para que os parceiros conheçam os serviços e apoios disponíveis do outro sector para referir crianças e famílias vulneráveis.
- Acordos para reservar um certo número ou percentagem de participantes do programa de segurança alimentar para casos de protecção à criança, a fim de garantir que as crianças e as famílias com riscos de protecção à criança recebam apoio de segurança alimentar.
- Sempre que as crianças e as famílias não forem elegíveis para programas de segurança alimentar existentes, introduzir intervenções como actividades de geração de rendimento e CVA incondicional nos programas de protecção à criança
- Identificação de uma série de indivíduos e fóruns para aumentar a consciencialização sobre a centralidade da protecção à criança e a ligação entre protecção à criança e segurança alimentar, tais como o Grupo de Coordenação Inter-Cluster (ICCG)
- Coordenadores de AoR de Protecção à Criança e coordenadores de Cluster de Segurança Alimentar a trabalhar juntos para advogar a integração dos programas. Um informante-chave partilhou que, através da advocacia conjunta, conseguiram influenciar um fundo humanitário a exigir que os candidatos demonstrassem como os programas propostos de protecção à criança e segurança alimentar seriam coordenados com outros actores na área.
- Ligação da integração da protecção à criança e segurança alimentar com outras políticas e abordagens humanitárias, tais como a Centralidade de Protecção, Prestação de Contas às Populações Afectadas (AAP) e Prevenção da Exploração, Abuso e Assédio Sexual (PEAAS).

## EXEMPLO

### INTEGRAÇÃO DA PROTECÇÃO À CRIANÇA NA RECOLHA DE DADOS DE SEGURANÇA ALIMENTAR

No **Mali**, *Enquete Nationale sur la Securite Alimentaire et Nutritionnelle* (ENSAN) é uma avaliação de segurança alimentar e nutricional realizada duas vezes por ano. Em 2018, a equipa de Análise e Mapeamento de Vulnerabilidade (VAM) do PMA e colegas de protecção à criança ajustaram o questionário de recolha de dados existente de modo a incluir perguntas que exploram estratégias negativas de sobrevivência associadas aos riscos de protecção à criança. Isto incluía uniões prematuras, trabalho infantil e presença de crianças separadas e órfãos, o que permitiu uma análise complementar entre as correlações entre a insegurança alimentar e os riscos de protecção à criança.<sup>120</sup>

Na **República Centro-Africana**, a Plan International e o PMA realizaram uma série de 24 discussões de grupos focais e 12 actividades participativas com adolescentes mais jovens (10-14 anos) e adolescentes mais velhos (15-17 anos) para examinar as causas de várias questões de protecção à criança e como a insegurança alimentar afectou os mecanismos de sobrevivência das famílias. Os adolescentes apontaram que os pais e encarregados de educação desempenharam um papel fundamental na sua influência a assumirem trabalhos perigosos a fim de obter rendimento para a compra de alimentos. Em particular, as adolescentes apontaram que alguns pais encorajavam as suas filhas a se envolverem com

homens para contribuir para o acesso da família à alimentação. A falta de recursos suficientes, a falta de emprego e a pobreza foram vistas como causas das uniões prematuras, associação com grupos armados e trabalho perigoso.<sup>121</sup>

No **Malawi**, uma Missão de Avaliação Conjunta (JAM) composta por várias partes interessadas, incluindo PMA, ACNUR, Governo do Malawi, Serviços Jesuítas para Refugiados, Rede de Sistemas de Aviso Prévio da Fome (FEWSNET) e Plan International, teve lugar nos campos de refugiados de Dzaleka e Luwani em Dezembro de 2016. Além dos dados de segurança alimentar e nutrição que são recolhidos regularmente como parte da JAM, questões adicionais relacionadas à protecção à criança e VBG foram incluídas na avaliação. A JAM constatou vários mecanismos de sobrevivência negativos que foram exacerbados pela insegurança alimentar, incluindo exploração sexual, uniões prematuras, mendicidade e trabalho perigoso. Os pontos de distribuição de alimentos também foram identificados como locais onde as crianças foram expostas a riscos como violência, exploração sexual e roubo. A JAM permitiu que as equipas desenvolvessem uma série de medidas de mitigação para lidar com os efeitos da insegurança alimentar, assim como a maneira como a assistência alimentar estava a ser prestada às comunidades.<sup>122</sup>

## EXEMPLO

### PRIORIZAÇÃO DE FAMÍLIAS EM RISCO PARA ASSISTÊNCIA ALIMENTAR

Na **Síria**, as uniões prematuras e o trabalho infantil são as principais preocupações de protecção à criança. Na resposta à segurança alimentar da Mercy Corps na Síria, os colegas de segurança alimentar trabalharam com o Assessor de Protecção da Mercy Corps na Síria no desenvolvimento de uma ferramenta de registo destinada a identificar riscos de protecção à criança e respectivos indicadores de alerta. Usada durante o registo de famílias para assistência alimentar, a ferramenta recolheu informações na forma de indicadores como número

de crianças que trabalham numa casa, a idade em que começaram a trabalhar, se as crianças abandonaram recentemente a escola e se alguma criança está na faixa etária de maior risco para as uniões prematuras. Com base nos resultados, as famílias foram priorizadas para receber assistência em dinheiro e o nível de ajuda calculado. Em caso de identificação de eventuais riscos imediatos de protecção à criança, os mesmos eram referidos a outros actores de protecção à criança para acompanhamento.

120. Global Child Protection Area of Responsibility and WFP VAM. Mali Case Study.

121. Plan International Central African Republic, Rapport: Consultation des adolescents sur la securite alimentaire et la nutrition dans les regions/provinces de Bangui, Zemio, Bria, Berberati, Kaga-Bandaro et Bossangoa, RCA, 2021.

122. Plan International Malawi, Integrated CP-SGBV and Food Security Case Study.

## EXEMPLO

# MELHORAR O BEM-ESTAR DA CRIANÇA ATRAVÉS DE PROGRAMAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR E MEIOS DE SUBSISTÊNCIA

No estado de Borno, nordeste da **Nigéria**, a Street Child of Nigeria desenvolveu um projecto de segurança alimentar e meios de subsistência. O projecto de seis meses apoiou 700 famílias de comunidades de acolhimento, repatriados e deslocados internos informais com subsídios de subsistência, formação empresarial e dinheiro para alimentação. Para seleccionar as famílias participantes, as partes interessadas da comunidade foram envolvidas no desenvolvimento de um critério de vulnerabilidade, que incluía famílias com crianças fora da escola. Depois de cada reunião semanal da Associação de Poupança e de Empréstimo da Aldeia (VLSA), os chefes de família receberam sessões de sensibilização sobre protecção à criança. As mensagens incluíram informações sobre riscos de protecção à criança, competências parentais positivas, igualdade de género, assim como protecção e prevenção contra exploração e abuso sexual. Um serviço de apoio comunitário e um comité de gestão de projectos também foram criados para identificar e referir questões de protecção à criança.

O projecto realizou uma avaliação do bem-estar da criança, tanto no início como no final do projecto. As principais constatações incluíram:

- As crianças de comunidades de acolhimento e de comunidades deslocadas apontaram uma melhoria em “se dar bem com seus pais a maior parte do tempo”: de 55% no início para 78% no final para crianças nas comunidades de acolhimento e de 63% para 80% para crianças nas comunidades de deslocados.
- Em todas as famílias, a frequência das crianças à escola aumentou. Isto foi constatado tanto em relação aos filhos biológicos quanto para as demais crianças cuidadas pela família. Embora isso não tenha sido medido, o aumento da frequência escolar provavelmente diminuiu a participação das crianças em actividades laborais, incluindo mendicância e venda de mercadorias.
- As crianças das comunidades de acolhimento e das comunidades deslocadas apontaram uma redução significativa em “sentir-se muito mal”. Isto provavelmente deve-se à maior disponibilidade de alimentos e meios financeiros para o acesso aos serviços de saúde.<sup>123</sup>



Uma mãe queniana e os seus filhos têm pouca comida para sobreviver.

©PLAN INTERNATIONAL

123. Street Child of Nigeria, Street Child 2019-2020 WFP Project Impact Assessment, May 2020.

## PODEM OS PROGRAMAS DE SEGURANÇA ALIMENTAR PROMOVER A PROTECÇÃO À CRIANÇA?

A análise de evidências tentou identificar exemplos de programas rigorosamente avaliados que mediram os resultados de protecção à criança associados a programas de segurança alimentar ou programas que visavam famílias com insegurança alimentar. Um número limitado de estudos foi identificado. Os resultados foram ligados a resultados de protecção à criança, tais como violência física e emocional, violência por parceiro íntimo, trabalho infantil e uniões prematuras. São necessárias mais evidências e análises sistemáticas.

### VIOLÊNCIA FÍSICA E EMOCIONAL

Combinações de assistência alimentar e intervenções de fortalecimento familiar podem reduzir a violência física e emocional contra crianças.

- Uma avaliação de impacto de um Programa Harmonizado de Transferência Social de Dinheiro pelo Governo do Zimbabwe constatou que a transferência incondicional de dinheiro para famílias com falta de alimentos, que visava reduzir a insegurança alimentar e proteger órfãos e crianças vulneráveis, levou a um aumento na compra de alimentos e redução do abuso físico após quatro anos de implementação. A assistência em dinheiro foi combinada com serviços de protecção à criança, como consciencialização em pontos de pagamento, serviços de apoio para denunciar preocupações de PC e referir casos para agências de PC. O estudo constatou que, possivelmente, melhorias na renda familiar e no acesso a alimentos também levaram a melhorias no bem-estar do encarregado de educação e à redução do trabalho infantil.
- Um ensaio clínico aleatório (ECA) de um programa direccionado a grupos de agricultores na Tanzânia, crianças nas comunidades que receberam programas de agronegócio e parentalidade apontaram redução geral de maus-tratos; crianças nas comunidades que receberam apenas intervenções parentais também foram capazes de reduzir os maus-tratos infantis, embora com efeitos menores.

### VIOLÊNCIA POR PARCEIRO ÍNTIMO

A assistência alimentar pode diminuir a VPI.

- Um programa do PMA no norte do Equador visava atender às necessidades de segurança alimentar e nutricional de refugiados colombianos e equatorianos carenciados e melhorar o papel das mulheres na tomada de decisões domésticas. Um ensaio clínico aleatório (ECA) constatou que as transferências também diminuíram a violência entre parceiros íntimos em aproximadamente 19 a 30%. Não houve diferença significativa entre o tipo de transferência (dinheiro, voucher ou alimentação).<sup>124</sup>

### UNIÕES PREMATURAS

Os programas de segurança alimentar podem prevenir ou retardar as uniões prematuras, dependendo de outros factores.

- Não foram encontrados estudos rigorosos sobre o papel que as transferências de dinheiro podem desempenhar na prevenção ou mitigação das uniões prematuras em contextos humanitários. Há evidências limitadas de que as transferências incondicionais e condicionais de dinheiro (condicionadas à educação) sobre a segurança económica das famílias podem reduzir as uniões prematuras, particularmente onde a pobreza é um factor determinante das uniões prematuras, quando as transferências são regulares e previsíveis e onde as normas sociais para as uniões prematuras são mais fracas.<sup>125</sup>
- Verificou-se que o Programa Rede de Segurança Pública da Etiópia, que forneceu transferências de dinheiro, atrasava as uniões prematuras, pois as transferências de dinheiro aumentavam o trabalho económico dos adultos, o que conseqüentemente exigia que as raparigas se envolvessem mais no trabalho doméstico.<sup>126</sup>
- Constatou-se que os programas de alimentação escolar aumentam a matrícula escolar numa média de 9%. Existe uma forte correlação entre níveis mais elevados de educação e uma redução nas uniões prematuras.<sup>127</sup>

124. Hidrobo et al. "The Effect of Cash, Vouchers, and Food Transfers on Intimate Partner Violence: Evidence from a Randomized Experiment in Northern Ecuador," American economic journal, Applied economics 8.3 (2016): 284–303.

125. Girls Not Brides, How cash transfers contribute to ending child marriage: Review and synthesis of the evidence. December 2021.

126. Ibid.

127. WFP, The Impact of School Feeding Programmes, November 2019.

## TRABALHO INFANTIL

Programas de alimentação escolar podem diminuir a participação das crianças em actividades laborais. Os programas que visam aumentar a produtividade agrícola das famílias podem aumentar a participação das crianças em actividades laborais.

- Num estudo no Mali, a alimentação escolar diminuiu a participação das raparigas no trabalho relacionado com a agricultura e criação de animais em aproximadamente 10%; isto também foi observado no aumento da frequência escolar das raparigas. Por outro lado, a alimentação escolar não diminuiu a participação dos rapazes em actividades laborais, nem aumentou a sua frequência escolar. O mesmo estudo constatou que a distribuição geral de alimentos aumenta a probabilidade de rapazes e raparigas se envolverem no trabalho agrícola, na criação de animais ou no trabalho doméstico. O estudo constatou que isto afectou consideravelmente mais os rapazes do que as raparigas: os rapazes mostraram um aumento de 20% no envolvimento em actividades de trabalho em comparação com os seus pares. Os pesquisadores concluíram que, dada a importância do papel dos rapazes no trabalho agrícola e na criação de animais, principalmente numa região afectada por conflitos e secas, os benefícios da assistência alimentar não foram suficientes para reduzir a sua participação em actividades laborais.<sup>128</sup>
- O programa de Alimentação Escolar do Bangladesh forneceu alimentos para levar para casa mensalmente às crianças da escola primária que devem frequentar pelo menos

95% de todas as aulas num mês. Embora o programa tenha mostrado efeitos positivos na frequência escolar e na redução do trabalho infantil, os pesquisadores observaram que a redução do trabalho infantil representou apenas uma pequena proporção do aumento das matrículas escolares, sugerindo que os pais estavam usando o tempo dos seus filhos noutras actividades.<sup>129</sup>

- Na zona rural do Burkina Faso, um estudo analisou se o trabalho infantil diminuiu para alunos do sexo feminino que recebiam alimentos para levar para casa e um grupo de alunos que recebiam lanche escolar. As raparigas que receberam alimentos para levar para casa tiveram uma redução de 9% nas actividades económicas agrícolas e não agrícolas, enquanto nenhuma diferença foi constatada para os alunos que receberam lanche escolar. O estudo não analisou a diferença de valor entre os alimentos para levar para casa e os lanches escolares, por isso não está claro se isto fez alguma diferença.<sup>130</sup>
- O Programa Rede de Segurança Pública da Etiópia tinha como alvo famílias de zonas com insegurança alimentar crónica e deu a cada membro da família em idade activa 30 dias de trabalho intensivo. As crianças de 6 a 10 anos tiveram uma redução no trabalho tanto nas tarefas domésticas quanto nas actividades agrícolas. Quando o programa de obras públicas foi combinado com transferências destinadas a aumentar a produtividade agrícola, as raparigas (6-10 anos) registaram aumentos nas horas semanais de trabalho, principalmente nas tarefas domésticas.<sup>131</sup>

128. Aurino, et al, "School Feeding or General Food Distribution? Quasi-Experimental Evidence on the Educational Impacts of Emergency Food Assistance during Conflict in Mali," UNICEF Office of Research, Innocenti Working Paper, June 2018.

129. Ravallion et al, "Does Child Labour Displace Schooling? Evidence on Behavioural Responses to an Enrollment Subsidy," *The Economic Journal* (London) 110.462 (2000): 158–175.

130. Kazianga et al, "Educational and Child Labour Impacts of Two Food-for-Education Schemes: Evidence from a Randomised Trial in Rural Burkina Faso," *Journal of African Economies* 21.5 (2012): 723–760.

131. Hoddinott et al, "The Impact of Ethiopia's Productive Safety Net Programme and Related Transfers on Agricultural Productivity," *Journal of African Economies* 21.5 (2012): 761–786.

# 05

## DISCUSSÃO

Uma jovem ajuda a sua mãe a preparar o solo para a plantação (Guatemala).

©PLAN INTERNATIONAL

## A segurança alimentar é essencial para a protecção e o bem-estar das crianças.

Embora a insegurança alimentar por si só não determine o risco de as crianças sofrerem violência, abuso, negligência ou exploração, esta análise de evidências conclui que a insegurança alimentar está ligada a vários riscos de protecção à criança. As próprias crianças apontam que a insegurança alimentar, incluindo acesso consistente a alimentos e diversidade alimentar, afecta directamente a sua protecção e bem-estar. A insegurança alimentar causa sofrimento psicossocial entre crianças e encarregados de educação, resultando em aumento da tensão e violência dentro de casa, escola e comunidade. A degradação da saúde mental dos encarregados de educação afecta directamente a sua capacidade de cuidar dos seus filhos e fornecer disciplina não violenta e também afecta negativamente os próprios resultados de saúde mental dos seus filhos. Os encarregados de educação podem precisar gastar mais tempo na geração de rendimento ou busca de comida ou deslocação para outro local em busca de emprego, deixando os seus filhos para trás. Este nível reduzido de cuidados e negligência é particularmente problemático, pois a relação das crianças com um encarregado de educação consistente e responsivo é um dos factores de protecção mais influentes para as crianças.

A insegurança alimentar também aumenta o risco de as crianças sofrerem várias formas de violência sexual e baseada no género, incluindo violência praticada pelo parceiro íntimo, uniões prematuras, violência sexual e exploração sexual. As crianças e as famílias também podem recorrer a mecanismos negativos de sobrevivência, tais como separação familiar, trabalho infantil e uniões prematuras, a fim de aumentar o seu acesso a oportunidades de alimentação e meios de subsistência.

Os efeitos da insegurança alimentar na protecção e bem-estar das crianças também estão intimamente ligados à pobreza, género e normas sociais e apoio e serviços sociais disponíveis. Dado o seu papel, na produção agrícola, os rapazes podem estar em alto risco de trabalho infantil, enquanto as raparigas são mais propensas a sofrer uniões prematuras, exploração sexual e violência sexual devido ao seu valor percebido, falta de oportunidades de subsistência e papéis tradicionais na preparação de alimentos. A idade, o sexo, a capacidade, o estatuto socioeconómico e a situação familiar das crianças afectam não apenas a sua segurança alimentar, mas também as suas estratégias de sobrevivência disponíveis. As próprias crianças usam uma série de estratégias de sobrevivência para lidar com a insegurança alimentar ao longo da sua vida, incluindo emprego, uniões prematuras e migração.<sup>132</sup>

Os efeitos da insegurança alimentar nos resultados de protecção à criança são cíclicos. As crianças que sofrem um tipo de violência correm maior risco de sofrer outros tipos de violência. As raparigas que se envolvem em uniões prematuras devido à insegurança alimentar correm maior risco de sofrer violência por parte do parceiro íntimo e apresentam taxas mais altas de desnutrição do que as que se casam mais tarde na vida. As crianças que crescem nas famílias que sofrem violência por parceiro íntimo têm maior probabilidade de serem testemunhas da violência, de sofrerem violência e também de ter baixo peso ao nascer, sofrerem de mau estado nutricional e apresentar taxas mais altas de desnutrição crónica durante a infância.<sup>133</sup>

No geral, a evidência da eficácia de várias intervenções de segurança alimentar sobre os resultados relacionados com a protecção à criança é significativamente limitada.<sup>134</sup> As evidências existentes mostram que as intervenções de segurança alimentar podem contribuir positivamente para os resultados da protecção à criança, particularmente quando estão ligadas a intervenções de protecção à criança. Foi constatado que os programas que combinam segurança alimentar ou apoio aos meios de subsistência com o fortalecimento familiar reduzem a experiência de violência e abuso por parte dos encarregados de educação. Os programas que visam reduzir a vulnerabilidade geral das famílias ou melhorar as tecnologias associadas às actividades agrícolas demonstram o potencial de reduzir o trabalho infantil, ao passo que os programas que visam aumentar a participação de adultos da família no mercado de trabalho podem aumentar involuntariamente a demanda por actividades laborais pelas crianças e adolescentes.<sup>135</sup> Por exemplo, para que os encarregados de educação do sexo feminino participem em actividades laborais, as mulheres podem depender das suas filhas para assumir as tarefas domésticas. Outras preocupações incluem encarregados de educação que passam mais tempo em actividades económicas e um nível reduzido de envolvimento no cuidado das crianças.<sup>136</sup> As crianças também podem estar envolvidas em filas nos pontos de distribuição de alimentos, na venda de alimentos para rendimento adicional ou na realização de tarefas adicionais enquanto os membros adultos da família estão na distribuição de alimentos.

A colaboração entre os actores da protecção à criança e da segurança alimentar permanece limitada por vários motivos. As razões incluem barreiras operacionais, limitações de financiamento, falta de recursos e ferramentas técnicas e falta de modelos de programas baseados em evidências para programas integrados. As boas práticas emergentes apontam para várias maneiras através das quais os actores da protecção à criança e da segurança alimentar podem colaborar melhor para promover resultados positivos para as crianças.

132. Morrow et al, "I started working because I was hungry": The consequences of food insecurity for children's well-being in rural Ethiopia, *Social Science & Medicine*, Volume 182, 2017, Pages 1-9.

133. Glinski et al, *The Child, Early, and Forced Marriage Resource Guide Task Order*, Banyan Global, 2015.

134. Aurino et al, "School Feeding or General Food Distribution? Quasi-Experimental Evidence on the Educational Impacts of Emergency Food Assistance during Conflict in Mali," UNICEF Office of Research, Innocenti Working Paper, June 2018.

135. Dammert, Ana C et al. "Effects of Public Policy on Child Labor: Current Knowledge, Gaps, and Implications for Program Design." *World Development* 110 (2018): 104-123.

136. International Rescue Committee, *Child Labor: What Works Towards addressing Child Labor in IRC Relevant Contexts: An Evidence Review*, April 2021.

Uma mãe separa entre a colheita de feijão seco que utilizará para cuidar das necessidades nutricionais dos seus filhos após a morte do seu marido (Zâmbia).

©PLAN INTERNATIONAL



06

RECOMENDAÇÕES

As recomendações a seguir são aplicáveis a actores humanitários, incluindo governos, doadores, agências da ONU, ONGs, ONGs e actores da sociedade civil que trabalham nas áreas de protecção à criança e/ou segurança alimentar.

CICLO DO PROGRAMA	AÇÕES RECOMENDADAS PARA DOADORES	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE PC	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE SA
PRONTIDÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoiar análises e estudos para compreender o papel das crianças na segurança alimentar e potenciais mecanismos de sobrevivência negativos.</li> <li>• Quando a insegurança alimentar e condições semelhantes à fome forem previstas, garantir que o <b>financiamento para serviços de PC</b>, incluindo prevenção e mitigação, seja priorizado ao lado da SA.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Compreender o papel pré- crise das crianças na segurança alimentar</b>, incluindo disponibilidade, acesso e utilização.</li> <li>• <b>Realizar mapeamentos e estudos</b> para entender os sistemas de protecção social para crianças em situação de insegurança alimentar, normas culturais e sociais relacionadas com a protecção à criança e mecanismos tradicionais de sobrevivência. <b>Envolver crianças, famílias e encarregados de educação</b> nessas actividades quando possível e garantir que os seus pontos de vista sejam incluídos.</li> <li>• Garantir <b>que os actores, famílias e comunidades de PC e SA estejam cientes das ligações</b> entre PC e insegurança alimentar e <b>desenvolvam sistemas de alerta precoce</b> sobre os potenciais riscos de PC.</li> </ul>	
AVALIAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoiar o uso de ferramentas participativas de recolha de dados que <b>incluem vozes das crianças e adolescentes em avaliações de SA</b>.</li> <li>• Incentivar a desagregação consistente <b>dos dados de PC e SA</b> por idade, sexo e deficiência.</li> <li>• Apoiar os esforços para <b>realizar análises conjuntas</b> dos riscos e necessidades de SA e PC.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Planificar avaliações conjuntas ou coordenar avaliações</b> sobrepostas em locais semelhantes, a fim de desenvolver uma análise conjunta e uma programação integrada.</li> <li>• <b>Fortalecer as ferramentas existentes de avaliação e recolha de dados</b> para considerar o impacto da insegurança alimentar nas crianças e os riscos de protecção à criança, incluindo durante eventos sazonais ou choques.</li> <li>• Garantir que todas as avaliações e recolha de dados sejam <b>desagregadas por idade, sexo e deficiência</b>. Considerar dados desagregados por faixas etárias principais: &lt;5, 6-9, 10-14 e 15-17.</li> <li>• Identificar e compreender os riscos por género e faixa etária, com <b>atenção especial para as raparigas e rapazes adolescentes</b> dada a sua vulnerabilidade particular aos riscos de PC associados à insegurança alimentar.</li> <li>• <b>Considerar envolver crianças, especialmente raparigas e rapazes adolescentes, nas avaliações</b> se possível e seguro, e incorporar os seus pontos de vista e prioridades nas constatações.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Considerar a inclusão de considerações de PC em Missões de Avaliação Conjunta (JAM) e Avaliações de Segurança Alimentar de Emergência (EFSA).</li> <li>• Adaptar os índices existentes de estratégias de sobrevivência baseadas na experiência para captar melhor as ligações entre insegurança alimentar e PC, incluindo riscos de PC, como sofrimento psicossocial, uniões prematuras, exploração sexual e violência física e emocional contra crianças.</li> <li>• Garantir <b>que todos os funcionários da SA sejam formados em conceitos básicos de protecção à criança, salvaguarda da criança e PEAA</b>.</li> </ul>
		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Realizar <b>análise conjunta dos dados</b> de PC e SA.</li> <li>• <b>Partilhar os resultados da avaliação</b> uns com os outros e realizar análises conjuntas.</li> </ul>	

CICLO DO PROGRAMA	AÇÕES RECOMENDADAS PARA DOADORES	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE PC	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE SA
<p><b>AVALIAÇÃO (CONTÍNUA)</b></p>		<ul style="list-style-type: none"> <li>Assegurar que as principais informações de PC e os resultados da avaliação sejam partilhados com os mecanismos de coordenação de SA.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Garantir que as principais informações e relatórios de SA dos sistemas de alerta precoce e sistemas de monitoria da segurança alimentar sejam partilhados com os mecanismos de coordenação de PC.</li> </ul>
<p><b>PLANIFICAÇÃO E DESENHO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Priorizar o <b>financiamento dos programas de PC no início das crises de segurança alimentar</b>.</li> <li>Garantir <b>financiamento para programas de PC e SA em localizações geográficas sobrepostas</b> para promover esforços complementares de prevenção, mitigação e resposta.</li> <li>Incentivar os actores de PC e SA a demonstrar nas propostas como os programas de PC e SA serão coordenados e direccionados a <b>crianças e famílias em situação de risco e insegurança alimentar</b>.</li> <li>Apoiar o desenvolvimento de <b>quadros de programas e modelos baseados em evidências</b> que integram PC e SA para promover a protecção e o bem-estar das crianças.</li> <li>Aumentar o <b>financiamento dos sistemas nacionais de protecção social</b> para promover o acesso das crianças e famílias aos alimentos e prevenir os riscos de PC.</li> <li>Expandir os <b>programas de APSS para crianças e encarregados de educação em situação de insegurança alimentar</b> no âmbito das respostas à PC e SA.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Usar a protecção e o bem-estar das crianças como ponto de partida para toda acção humanitária.</li> <li>Usar informações de avaliação de PC e avaliações de SA e sistemas de monitoria para planificar programas de PC e SA.</li> <li>Planificar programas de PC e SA nas áreas geográficas sobrepostas para que as crianças e famílias vulneráveis e em situação de insegurança alimentar possam ter acesso aos serviços de apoio de PC e SA.</li> <li>Coordenar com os mecanismos de coordenação de PC e SA o desenvolvimento de caminhos de referência de PC e SA e POPs. Trabalhar com actores de VBG e SMAPSS para garantir que os caminhos de referência de VBG e SMAPSS também estejam em vigor.</li> <li>Desenvolver estratégias para abordar os riscos de PC em contextos de insegurança alimentar, incluindo como abordar os riscos de PC associados ao aumento da produção e preparação de alimentos e mecanismos negativos de sobrevivência.</li> <li>Ampliar estratégias para reduzir e mitigar o risco de exploração sexual e violência sexual de crianças associado à busca de alimentos ou de lenha e água. Considerar a distribuição de fontes alternativas de energia, tais como fogões com eficiência energética, iluminação solar e tanques e filtros de água disponíveis localmente.</li> <li>Considerar o fornecimento de intervenções de segurança alimentar ou meios de subsistência como parte de programas de PC ou empoderamento, que têm como alvo crianças e adolescentes, para abordar os riscos de PC, tais como trabalho infantil e exploração sexual. Estas intervenções podem ter como alvo adolescentes mais velhos ou prestadores de cuidados.</li> <li>Considerar a programação cash plus, que oferece abordagens complementares a CVA, como gestão de casos de protecção à criança, habilidades para a vida e apoio psicossocial, formação e orientação e apoio parental para pais e encarregados de educação.</li> <li>Reconhecendo que as normas de género nocivas contribuem para os riscos de PC, desenhar programas transformadores de género para promover normas de género positivas através de programas de PC e SA.</li> <li>Estabelecer <b>balcões de atendimento para crianças</b> nos locais de distribuição de alimentos para apoiar a identificação e referência de casos de protecção à criança.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li><b>Destacar as correlações</b> entre a insegurança alimentar e os riscos de PC nos relatórios de avaliação de PC e SA.</li> </ul>

CICLO DO PROGRAMA	AÇÕES RECOMENDADAS PARA DOADORES	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE PC	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE SA
<b>PLANIFICAÇÃO E DESENHO (CONTÍNUA)</b>		<ul style="list-style-type: none"> <li>• <b>Intervenções de APSS direccionadas nas zonas de insegurança alimentar</b>, com atenção específica aos encarregados de educação em agregados familiares com insegurança alimentar.</li> <li>• <b>Trabalhar com estruturas de PC e SA a nível comunitário para expandir o APSS para crianças e encarregados de educação.</b> Considerar a expansão de programas nas áreas que estão a enfrentar escassez aguda de alimentos antes e durante a época de escassez ou áreas que sofrem cortes na assistência alimentar.</li> <li>• Alargar <b>as intervenções de fortalecimento familiar</b>, incluindo formação parental positiva aos encarregados de educação e chefes de família dos programas de SA e promover o seu acesso a intervenções de segurança alimentar.</li> <li>• Identificar <b>tipos de trabalho seguro e adequado que estejam disponíveis e acessíveis a adolescentes</b> acima da idade mínima de trabalho.</li> <li>• Garantir que os adolescentes mais velhos em risco de PC, como uniões prematuras, tenham acesso à formação agrícola, informações e recursos para melhorar a sua própria produtividade e promover a sua própria protecção e bem-estar.</li> <li>• <b>Considerar necessidades, riscos e normas sociais específicas de género e idade ao incluir adolescentes nos programas de SA.</b> As raparigas e rapazes adolescentes provavelmente exigirão disposições diferentes para participar de forma segura e equitativa nos programas de SA e meios de subsistência.</li> <li>• Ligar <b>programas de subsistência</b> direccionados a adolescentes mais velhos de APSS, habilidades para a vida, espaços seguros e referências com a gestão de casos de PC.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Implementar acções-chave para distribuições de assistência alimentar amigas da criança, usando orientações e boas práticas existentes: <a href="#">Norma CPMS 21</a> sobre Segurança Alimentar e Protecção à Criança; <a href="#">Directrizes do IASC para a Integração de Intervenções de VBG na Acção Humanitária</a>; Segurança Alimentar e Agricultura; <a href="#">CP Documento sobre Integração da PC nas Distribuições da Plan International</a>.</li> <li>• Ligar <b>oportunidades de subsistência</b> com participação de adolescentes e jovens e oportunidades de envolvimento cívico para ampliar a sua voz e acção.</li> <li>• Incluir raparigas em risco de uniões prematuras e outros riscos de PC em programas de produtividade agrícola ou oportunidades alternativas de rendimento para mudar a visão dos pais sobre as raparigas de serem encargos financeiros e combinar com intervenções que promovam a igualdade de género.<sup>137</sup></li> </ul>

137. Glinski et al, The Child, Early, and Forced Marriage Resource Guide Task Order, Banyan Global, 2015.

CICLO DO PROGRAMA	AÇÕES RECOMENDADAS PARA DOADORES	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE PC	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE SA
<p><b>IMPLEMENTAÇÃO</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Exigir que todos os actores demonstrem como os <b>mecanismos de prestação de contas</b>, tais como mecanismos de feedback e reclamações, são <b>amigos das crianças e adolescentes</b> e incorporam as suas opiniões.</li> <li>Incluir requisitos para garantir que as considerações de <b>PEAAS e de salvaguarda da criança</b> sejam incluídas em todos os programas humanitários e durante todo o ciclo do programa.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Coordenar com os actores de PC e SA para garantir que todas as crianças e famílias vulneráveis possam ter acesso aos serviços de PC e SA.</li> <li><b>Desenvolver critérios conjuntos de segmentação e vulnerabilidade</b> para garantir que as considerações de PC e SA sejam incluídas nos critérios de selecção de PC e SA.</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li><b>Envolver as famílias e a comunidade no estabelecimento de critérios de definição de metas e população alvo e selecção</b> para programas de PC e SA.</li> <li>Garantir que os critérios de segmentação <b>não levem ao estigma, discriminação ou preocupações adicionais de segurança</b> para crianças.</li> <li><b>Garantir que a definição de metas e população alvo não se torne “factores de atracção” para riscos de PC.</b> Por exemplo, se o trabalho infantil ou CHH for o principal critério de elegibilidade para assistência.</li> <li><b>Formar todos os trabalhadores de PC e SA da linha de frente na identificação e referência de crianças em situação de insegurança alimentar, protecção à criança e PEAAS.</b></li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Assegurar que todos os funcionários de PC estejam a par dos programas de SA disponíveis que estão abertos a crianças e famílias em situação de insegurança alimentar.</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Garantir que as crianças e famílias <b>recebam as principais mensagens sobre PC e SA</b> e que <b>as informações sejam adaptadas e apropriadas para crianças e adolescentes.</b></li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Assegurar que as informações sobre programas e serviços de SA estejam disponíveis para crianças e adolescentes que participam nas intervenções de PC, tais como CFS ou programas de competências para a vida.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Expandir ou ajustar os critérios de segmentação quando os programas de SA excluem crianças e famílias altamente vulneráveis (por exemplo, se a meta de SA for baseada em segmentação geográfica ou demográfica).</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Assegurar que todos os funcionários de SA estejam a par dos programas de PC disponíveis, abertos a crianças e famílias com insegurança alimentar e em risco.</li> <li>Trabalhar com actores da PC para adaptar os formulários de admissão a fim de identificar potenciais riscos de PC.</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>Fornecer informações sobre riscos de PC e serviços disponíveis durante as actividades de SA.</li> <li>Garantir que as informações sobre programas de SA e assistência disponível também sejam acessíveis a crianças e adolescentes, incluindo adolescentes em uniões prematuras, CHH e UASC.</li> </ul>

CICLO DO PROGRAMA	AÇÕES RECOMENDADAS PARA DOADORES	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE PC	AÇÕES RECOMENDADAS PARA ACTORES DE SA
<b>MONITORIA E AVALIAÇÃO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoiar o desenvolvimento da base de evidências para entender as correlações entre PC e insegurança alimentar e modelos de programas integrados de PC-SC baseados em evidências.</li> <li>• Apoiar o desenvolvimento de um quadro de monitoria, incluindo pilotos de indicadores-chave e ferramentas práticas, para medir o impacto de programas de SA na protecção e bem-estar das crianças.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Monitorar como os programas de segurança alimentar, incluindo programas de distribuição e subsistência, podem estar involuntariamente a exacerbar os riscos de PC. Determinar se há alguma barreira no acesso aos serviços de PC ou SA para crianças e famílias referidas.</li> <li>• Monitorar como a insegurança alimentar está a afectar a protecção e o bem-estar das crianças.</li> <li>• Trabalhar em conjunto para medir os resultados de PC e o bem-estar das crianças como resultado de programas integrados de PC-SA. Usar as orientações existentes, tais como o <a href="#">Guião de Contextualização do Bem-estar da Criança</a>.</li> <li>• <b>Trabalhar com actores da educação para monitorar e medir como os programas de alimentação escolar</b> afectam os resultados da PC, tais como bem-estar, melhores relações entre pares, relações encarregado de educação-criança e reduções nas uniões prematuras, trabalho infantil e outros mecanismos negativos de sobrevivência.</li> <li>• <b>Assegurar que todos os mecanismos de feedback e reclamações sejam adequados para crianças e acessíveis a diversos grupos de raparigas e rapazes.</b></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Incorporar a consideração da protecção à criança na monitoria e nas ferramentas do programa de SA, incluindo ferramentas de monitoria pós-distribuição (PDM).</li> </ul> <hr/> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Garantir que todos os <b>dados sejam desagregados por sexo, idade e deficiência</b>. Considerar dados desagregados por faixas etárias principais: &lt;5, 6-9, 10-14 e 15-17.</li> </ul>

# BIBLIOGRAFIA

The Alliance for Child Protection in Humanitarian Action. Child Neglect in Humanitarian Settings: Literature review and recommendations for strengthening prevention and response. 2018.

- Inter-Agency Toolkit: Preventing and Responding to Child Labour in Humanitarian Action. 2020.
- Minimum Standards for Child Protection in Humanitarian Action, 2019 Edition. 2019.
- Monitoring Child Protection Within Humanitarian Cash Programmes. 2019
- Understanding Risk and Protective Factors in Humanitarian Crises: Towards a Preventive Approach to Child Protection in Humanitarian Action. 2021

Amnesty International. 'They Betrayed Us': Women who survived Boko Haram raped, starved, and detained in Nigeria. 2018.

Aurino, Elisabetta, and Virginia Morrow. "Food prices were high, and the dal became watery". Mixed-method evidence on household food insecurity and children's diets in India, *World Development*, Volume 111, 2018, Pages 211-224.

Aurino, Elisabetta, Jean-Pierre Tranchant, Amadou Sekou Diallo, and Aulo Gelli. "School Feeding or General Food Distribution? Quasi-Experimental Evidence on the Educational Impacts of Emergency Food Assistance during Conflict in Mali." UNICEF Office of Research, Innocenti Working Paper, June 2018.

Awungafac G, Mugamba S, Nalugoda F, et al. Household food insecurity and its association with self-reported male perpetration of intimate partner violence: a survey of two districts in central and western Uganda *BMJ Open* 2021;11:e045427.

Bermudez, Laura Gauer et al. "Safety, Trust, and Disclosure: A Qualitative Examination of Violence Against Refugee Adolescents in Kiziba Camp, Rwanda." *Social science & medicine* (1982) 200 (2018): 83–91.

Bernal, Jennifer, Edward A. Frongillo, Héctor Herrera, Juan Rivera. Children Live, Feel, and Respond to Experiences of Food Insecurity That Compromise Their Development and Weight Status in Peri-Urban Venezuela, *The Journal of Nutrition*, Volume 142, Issue 7, July 2012, Pages 1343–1349.

Bernal, Jennifer, Edward Frongillo, and Klaus Jaffe. "Food Insecurity of Children Increases Shame of Others Knowing They Are Without Food." *The FASEB journal* 29.S1 (2015).

Cardoso, L.F., Gupta, J., Shuman, S. et al. What Factors Contribute to Intimate Partner Violence Against Women in Urban, Conflict-Affected Settings? Qualitative Findings from Abidjan, Côte d'Ivoire. *J Urban Health* 93, 364–378 (2016).

Child Partnership Program Papua New Guinea, Food Security Assessment Report (Kandep-Panduaga), 6 April 2016.

Corboz, Julienne et al. "Children's Peer Violence Perpetration and Victimization: Prevalence and Associated Factors Among School Children in Afghanistan." *PloS one* 13.2 (2018).

Dammert, Ana C et al. "Effects of Public Policy on Child Labor: Current Knowledge, Gaps, and Implications for Program Design." *World development* 110 (2018): 104–123.

Davies Lizzie, "Ethiopian drought leading to 'dramatic' increase in child marriage, UNICEF warns," *The Guardian*, 30 April 2022.

Edwards, Ben, Matthew Gray, Judith Borja. The influence of natural disasters on violence, mental health, food insecurity, and stunting in the Philippines: Findings from a nationally representative cohort, *SSM - Population Health*, Volume 15, 2021.

Ellsberg M, Murphy M, Blackwell A, et al. "If You Are Born a Girl in This Crisis, You Are Born a Problem": Patterns and Drivers of Violence Against Women and Girls in Conflict-Affected South Sudan. *Violence Against Women*. 2021;27(15-16):3030-3055.

FAO, IFAD, UNICEF, WFP and WHO. *The State of Food Security and Nutrition in the World 2022: Repurposing food and agricultural policies to make healthy diets more affordable*. Rome, FAO. 2022.

Girls Not Brides. How cash transfers contribute to ending child marriage. Thematic Paper 1. Review and synthesis of the evidence. December 2021.

Glinski, Allison M., Magnolia Sexton, and Lis Meyers. Washington, DC: The Child, Early, and Forced Marriage Resource Guide Task Order, Banyan Global, 2015.

Global Child Protection Area of Responsibility and WFP VAM. Mali Case Study.

Global Protection Cluster, Child Protection Working Group. Child Protection Rapid Assessment Toolkit. 2012.

Hatcher AM, Stockl H, McBride R-S, et al. Pathways from food insecurity to intimate partner violence Perpetration among Peri-Urban men in South Africa. *American Journal of Preventative Medicine*. 2019; 56:765–72.

- Hathi, Payal et al. "When women eat last: Discrimination at home and women's mental health." *PloS one* vol. 16,3 e0247065. 2 Mar. 2021.
- Hidrobo, Melissa, Amber Peterman, and Lori Heise. "The Effect of Cash, Vouchers, and Food Transfers on Intimate Partner Violence: Evidence from a Randomized Experiment in Northern Ecuador." *American economic journal. Applied economics* 8.3 (2016): 284–303.
- Hoddinott, John et al. "The Impact of Ethiopia's Productive Safety Net Programme and Related Transfers on Agricultural Productivity." *Journal of African economies* 21.5 (2012): 761–786.
- Human Rights Watch, *Marry Before Your House is Swept Away*; Child Marriage in Bangladesh, June 9, 2015.
- No way out: Child marriage and human rights abuses in Tanzania, October 29, 2014.
  - "Out Time to Sing and Play": Child Marriage in Nepal, September 8, 2016.
- Hutson, Royce A, Eileen Trzcinski, and Athena R Kolbe. "Features of Child Food Insecurity after the 2010 Haiti Earthquake: Results from Longitudinal Random Survey of Households." *PloS one* 9.9 (2014): e104497–e104497.
- International Rescue Committee, *Child Labor: What Works Towards addressing Child Labor in IRC Relevant Contexts: An Evidence Review*, April 2021.
- Ismayilova, Leyla et al. "Maltreatment and Mental Health Outcomes Among Ultra-Poor Children in Burkina Faso: A Latent Class Analysis." *PloS one* 11.10 (2016): e0164790–e0164790.
- Jackson, Dylan B., Kellie R. Lynch, Jesse J. Helton, and Michael G. Vaughn. "Food Insecurity and Violence in the Home: Investigating Exposure to Violence and Victimization Among Preschool-Aged Children." *Health Education & Behavior* 45, no. 5 (2018): 756–63.
- Jones, Andrew D. *Food Insecurity and Mental Health Status: A Global Analysis of 149 Countries*, *American Journal of Preventive Medicine*, Volume 53, Issue 2, 2017, Pages 264-273.
- Karmaliani R, McFarlane J, Somani R, Khuwaja H.M.A, Gulzar S, Saeed Ali T. et al. Peer Violence perpetration and victimization: Prevalence, associated factors and pathways among 1752 sixth grade boys and girls in schools in Pakistan. *PLOS ONE*. 2017; 12(8):e0180833.
- Kazianga, Harounan, Damien de Walque, and Harold Alderman. "Educational and Child Labour Impacts of Two Food-for-Education Schemes: Evidence from a Randomised Trial in Rural Burkina Faso." *Journal of African economies* 21.5 (2012): 723–760.
- Kuku, Oluyemisi, Craig Gundersen, Steven Garasky. *Differences in food insecurity between adults and children in Zimbabwe*, *Food Policy*, Volume 36, Issue 2, 2011, Pages 311-317.
- Laurenzi, Christina, Sally Field, and Simone Honikman. "Food Insecurity, Maternal Mental Health, and Domestic Violence: A Call for a Syndemic Approach to Research and Interventions." *Maternal and child health journal* 24.4 (2020): 401–404.
- Lentz EC, *Complicating narratives of women's food and nutrition insecurity: Domestic violence in rural Bangladesh*. *World Development* 2018; 104:271–80.
- Logie et al. "Exploring Resource Scarcity and Contextual Influences on Wellbeing Among Young Refugees in Bidi Bidi Refugee Settlement, Uganda: Findings from a Qualitative Study," *Conflict and health* 15.1 (2021): 3–11.
- Mazurana, D., Marshak, A., & Spears, K. *Child marriage in armed conflict*. *International Review of the Red Cross*, 101(911), 2019: 575-601.
- Meyer, Sarah, Elizabeth Meyer, Clare Bangirana, Patrick Onyango Mangan, Lindsay Stark. *Protection and well-being of adolescent refugees in the context of a humanitarian crisis: Perceptions from South Sudanese refugees in Uganda*, *Social Science & Medicine*, Volume 221, 2019, Pages 79-86,
- Meyer, Sarah, Laura K. Murray, Eve S. Puffer, Jillian Larsen & Paul Bolton (2013) *The nature and impact of chronic stressors on refugee children in Ban Mai Nai Soi camp, Thailand*, *Global Public Health*, 8:9, 1027-1047.
- Morrow, Virginia, Yisak Tafere, Nardos Chuta, Ina Zharkevich. "I started working because I was hungry": The consequences of food insecurity for children's well-being in rural Ethiopia, *Social Science & Medicine*, Volume 182, 2017, Pages 1-9.
- Nabulsi, Dana et al. "Voices of the Vulnerable: Exploring the Livelihood Strategies, Coping Mechanisms and Their Impact on Food Insecurity, Health and Access to Health Care Among Syrian Refugees in the Beqaa Region of Lebanon." *PloS one* 15.12 (2020).
- Nanama, Siméon, Edward A. Frongillo, *Altered social cohesion and adverse psychological experiences with chronic food insecurity in the non-market economy and complex households of Burkina Faso*, *Social Science & Medicine*, Volume 74, Issue 3, 2012, Pages 444-451.
- Ndungu, Jane, Jewkes, Rachel, Ngcobo-Sithole, Magnolia, Chirwa, Esnat, Gibbs, Andrew. *Afghan Women's Use of Violence Against Their Children and Associations with IPV, Adverse Childhood Experiences and Poverty; A Cross-Section and Structural Equation Modelling Analysis*, *International journal of environmental research and public health*, 2021-07-27, Vol.18 (15), p.7923.

## BIBLIOGRAFIA

Polack E. Child rights and climate change adaptation: voices from Cambodia and Kenya. In: *Children in a Changing Climate*; 2010.

Porter, Catherine et al. "The Evolution of Young People's Mental Health During COVID-19 and the Role of Food Insecurity: Evidence from a Four Low-and-Middle-Income-Country Cohort Study." *Public health in practice (Oxford, England)* 3 (2022).

Plan International. *Adolescent Girls in Crisis: Voices from the Lake Chad Basin*, 2018.

- Adolescent Programming Toolkit: Guidance and Tools for Adolescent Programming and Girls' Empowerment in Crisis Settings, June 2020.
- Adolescent Girls in Crisis: Voices Rohingya, June 2018.
- Adolescent Girls in Crisis: Voices from the South Sudan Crisis, 2018.
- Integrated Child Protection and SGBV and Food Security Case Study.
- Investing in Child Protection and GBV in Food Crisis: The Link between Food Security and Child Protection and GBV.

Plan International, Women's Refugee Commission, The Cynefin Co., *Our Voices, Our Future: Understanding child marriage in food-insecure communities in Chiredzi District, Zimbabwe*, June 2022.

Plan International Central African Republic, *Rapport: Consultation des adolescents sur la securite alimentaire et la nutrition dans les regions/provinces de Bangui, Zemio, Bria, Berberati, Kaga-Bandaro et Bossangoa, RCA*, 2021.

Ravallion, Martin, and Quentin Wodon. "Does Child Labour Displace Schooling? Evidence on Behavioural Responses to an Enrollment Subsidy." *The Economic Journal (London)* 110.462 (2000): 158–175.

Save the Children, CARE, USAID. *Titukulane Youth Needs Assessment: Finding sources of connection, learning, and earning*. May 2021.

Save the Children. *Child Safeguarding for Cash and Voucher Assistance Guidance*. 2019.

- "Child protection needs assessment Somalia", Harvard Dataverse, V1, April 2017.
- Children's Recommendations for the hunger responses in South Sudan. 2021.
- Fighting Back: Child and community-led strategies to avoid children's recruitment into armed forces and groups in West Africa.

Spears, Kinsey, Bridget Conley, and Dyan Mazurana. "Gender, Famine, and Mortality," *World Peace Foundation and Feinstein International Center, Occasional Paper #36*. December 2021.

Street Child of Nigeria. *Street Child 2019-2020 WFP Project Impact Assessment*. May 2020.

Wathen CN, Macmillan HL. Children's exposure to intimate partner violence: Impacts and interventions. *Paediatr Child Health*. 2013 Oct;18(8):419-22.

Weaver, Lesley Jo, Caroline Owens, Fasil Tessema, Ayantu Kebede, Craig Hadley, *Unpacking the "black box" of global food insecurity and mental health*, *Social Science & Medicine*, Volume 282, 2021.

WFP. *Disability and food security: Central African Republic – Findings from the 2020 ENSA disaggregated by disability*. August 2021.

- The Impact of School Feeding Programmes. November 2019.
- Protection and Accountability Policy 2020.

WFP, Inter-American Development Bank, IFAD, IOM, and Organization of American States. *Food Security and Emigration: Why people flee and the impact on family members left behind in El Salvador, Guatemala, and Honduras*.

WHO. *Global status report on preventing violence against children*. Geneva, 2020.

Women's Commission for Refugee Women and Children. *Finding Trees in the Desert: Fuelwood Collection and Alternatives in Darfur* 2006.

World Bank. *World Development Report 2011: Conflict, Security, and Development*. Washington, DC: World Bank.

World Vision. "Child Marriage and Hunger Crisis: South Sudan Case Study", 2021.

- Untying the Knot: Exploring Early Marriage in Fragile States March 2013.

UNICEF. *Hidden in plain sight: A statistical analysis of violence against children*. New York: United Nations Children's Fund; 2014

- Protection Risks for Children As A Result of Typhoon Bopha (Pablo): Inter-Agency Child Protection Rapid Assessment Report, Child Protection Sub-cluster, March 2013.



Os membros do grupo de jovens cuidam da sua horta no Bangladesh.



---

**Fotografia da capa:** Uma jovem nigeriana cultiva uma horta com sementes fornecidas pela Plan International.  
©Plan International

**Design & layout:** Out of the Blue Creative Communication Solutions – [www.outoftheblue.co.za](http://www.outoftheblue.co.za)

---

A análise de evidências foi escrita por Yang Fu, Especialista em Protecção à Criança em Emergências (Segurança Alimentar) da Plan International. Agradecemos aos seguintes colegas por falarem sobre a sua experiência em relação à colaboração entre os sectores de protecção à criança e segurança alimentar: Crystal Stewart, Geoffrey Pinnock, Jeannette Poules, Joy Cheung, Kevin McCarthy, Marcello Viola, Mirette Baghat, Mohammed Ibrahim Diallo, Monica Matarazzo, Paul Kinuthia e Weihui Wang. Agradecemos ainda aos seguintes colegas pelo seu apoio, revisão do relatório e feedback: Anita Queirazza, Clare Lofthouse, Jennifer Arlt, Joyce Mutiso, Laetitia Sanchez, Shannon Hayes e Sita Conklin.

---

### Sobre a Área de Responsabilidade Global de Protecção da Criança

A Área de Responsabilidade Global de Protecção da Criança lidera a coordenação dos esforços de protecção da criança em cenários humanitários, a fim de assegurar que as crianças em situações de emergência sejam protegidas de abuso, negligência, exploração e violência. Para saber mais sobre a AoR Global CP, por favor visite o nosso [website](#). Pode também contactar-nos em [cp-aor@unicef.org](mailto:cp-aor@unicef.org).

---

### Sobre a Plan International

Plan International é uma organização humanitária e de desenvolvimento independente que promove os direitos das crianças e a igualdade para as raparigas. Acreditamos no poder e potencial de cada criança. Mas isto é frequentemente reprimido pela pobreza, violência, exclusão e discriminação. E são as raparigas que são mais afectadas. Trabalhando em conjunto com crianças, jovens, os nossos apoiantes e parceiros, lutamos por um mundo justo, combatendo as causas profundas dos desafios que se colocam às raparigas e a todas as crianças vulneráveis. Apoiamos os direitos das crianças desde o nascimento até atingirem a idade adulta. E permitimos que as crianças se preparem para - e respondam a - crises e adversidades. Conduzimos mudanças na prática e nas políticas a nível local, nacional e global, utilizando o nosso alcance, experiência e conhecimento. Há mais de 80 anos que construímos poderosas parcerias para crianças, e estamos activos em mais de 71 países.

---

### Plan International

Global Hub  
Dukes Court, Duke Street, Woking,  
Surrey GU21 5BH, United Kingdom

Tel: +44 (0) 1483 755155

Fax: +44 (0) 1483 756505

E-mail: [info@plan-international.org](mailto:info@plan-international.org)

[plan-international.org](http://plan-international.org)

Published in 2022. Text © Plan International



[facebook.com/planinternational](https://facebook.com/planinternational)



[twitter.com/planglobal](https://twitter.com/planglobal)



[instagram.com/planinternational](https://instagram.com/planinternational)



[linkedin.com/company/plan-international](https://linkedin.com/company/plan-international)



[youtube.com/user/planinternationaltv](https://youtube.com/user/planinternationaltv)